

**INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA**

Escola Superior de Altos Estudos

**O PAPEL DOS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS NA  
SINTOMATOLOGIA ANSIOSA DE ADOLESCENTES DO 3º CICLO  
DO ENSINO BÁSICO**

**VANESSA SOFIA DE OLIVEIRA AZEVEDO**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2012



**O PAPEL DOS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS NA  
SINTOMATOLOGIA ANSIOSA DE ADOLESCENTES DO 3º CICLO  
DO ENSINO BÁSICO**

**VANESSA SOFIA DE OLIVEIRA AZEVEDO**

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica

Orientadora: Professora Doutora Sónia Simões

Coimbra, setembro de 2012

## **Agradecimentos**

Esta dissertação de mestrado representa o incessante esforço de desenvolvimento pessoal e académico, que foi possível dada a conjugação de uma pluralidade de esforços, que de forma direta ou indireta contribuíram para a sua realização.

Estou particularmente grata à minha orientadora, Professora Doutora Sónia Simões, não só pela sua orientação científica, mas também por toda a disponibilidade, dedicação, apoio e encorajamento. Por tudo o que me ensinou e transmitiu, o meu sincero obrigado.

Um especial agradecimento à minha família pela paciência, amor e apoio incondicional em todos os momentos.

Ao meu namorado, porque as palavras são poucas para descrever a sua presença incansável, força e inspiração diária, não só nesta fase final do nosso percurso académico, mas ao longo destes anos.

À Mónica Silva pela parceria no processo de investigação e por todos os momentos que passámos juntas durante este último ano de curso. Obrigada pela amizade e partilha de saberes.

Gostaria de expressar o meu agradecimento aos amigos pelo incentivo e aos colegas de curso pelo importante auxílio nesta reta final.

Um agradecimento à Direção do Colégio São Martinho e a todos os participantes e respetivos pais, pela colaboração na investigação realizada.

## **Resumo**

A literatura realça a importância do impacto do comportamento parental no desenvolvimento de ansiedade em crianças e adolescentes. Dado a pertinência do tema, o foco do presente estudo visa analisar o papel que a percepção dos adolescentes sobre os estilos educativos parentais tem sobre a manifestação de sintomatologia ansiosa.

A amostra desta investigação envolveu 136 adolescentes do 3º ciclo do ensino básico, 48 rapazes e 88 raparigas com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, com uma média de idades de 13,2 anos, recolhida no Colégio São Martinho em Coimbra. O protocolo de investigação incluiu os seguintes instrumentos de colheita de dados: Questionário Sociodemográfico, State-Trait Anxiety Inventory for Children (STAIC) e EMBU-A.

Os resultados do estudo sugerem que os adolescentes mais velhos manifestam maior sintomatologia ansiosa, estatisticamente significativa ao nível da ansiedade-estado. No que respeita ao desempenho académico, são os adolescentes com elevado insucesso escolar que exteriorizam mais ansiedade-traço. Porém, não foram encontradas diferenças significativas na manifestação da ansiedade dos adolescentes em função das variáveis género, posição na fratria e habilitações literárias dos pais. Por seu lado, em relação aos estilos educativos parentais, os jovens que têm maior insucesso escolar percecionam níveis elevados de sobreproteção da mãe, e de rejeição do pai e da mãe. Os adolescentes que têm um pai com mais baixo nível de escolaridade percecionam maior rejeição materna, e são os filhos de mães com menos habilitações literárias que sentem maior sobreproteção da mãe e rejeição do pai. Verificou-se, em particular, uma associação significativa entre a rejeição paterna e níveis mais elevados de sintomatologia ansiosa. O modelo preditivo avançado no estudo confirma que a rejeição paterna, em conjunto com a idade do adolescente, são bons preditores da sintomatologia ansiosa. Especificamente, a rejeição paterna é evidenciada como o melhor preditor da sintomatologia ansiosa, sendo o principal responsável pela manifestação de ansiedade nos adolescentes.

Os resultados sugerem que a rejeição do pai desencadeia níveis elevados de sintomatologia ansiosa. Assim, este estudo permite concluir que a rejeição paterna é o estilo educativo parental que exerce maior influência na manifestação de ansiedade nos adolescentes.

**Palavras-chave:** sintomatologia ansiosa, estilos educativos parentais, adolescentes

## **Abstract**

The literature highlights the importance of the impact of parental behavior on the development of anxiety in children and adolescents. Given the relevance of the topic, the focus of this study is to analyze the role that the adolescents' perception about parental rearing styles have on the manifestation of anxiety symptoms.

The sample of this research involved 136 adolescents from the 3rd cycle of basic education, 48 boys and 88 girls aged between 12 and 15 years, with a mean age of 13,2 years, gathered in Colégio São Martinho in Coimbra. The investigation protocol included the following data collection instruments: Sociodemographic Questionnaire, State-Trait Anxiety Inventory for Children (STAIC) and the EMBU-A.

The results of the study suggest that older adolescents show greater anxiety symptoms, statistically significant at the level of state anxiety. With regard to academic performance, are adolescents with high failure rates that externalize more trait anxiety. However, there were significant differences in the manifestation of anxiety in adolescents function of the variables gender, sibling position and educational background of the parents. For its part, in relation to parental rearing styles, young people who have higher academic failure perceive high levels of overprotection of the mother, and rejection of father and mother. Adolescents who have a father with the lowest educational level perceive greater maternal rejection, and are the children of mothers with less qualification who feel greater overprotection of the mother and father's rejection. There was, in particular, a significant association between paternal rejection and higher levels of anxiety symptoms. The predictive model advanced in the study confirms that parental rejection, together with the adolescents' age, are good predictors of anxiety symptoms. Specifically, parental rejection is evidenced as the best predictor of anxiety symptoms, being primarily responsible for the manifestation of anxiety in adolescents.

The results suggest that the father rejection triggers high levels of anxiety symptoms. Thus, this study shows that rejection is the paternal parental rearing style that has more influence on the manifestation of anxiety in adolescents.

**Key word:** anxiety symptoms, parental rearing styles, adolescents

## **Introdução**

### **Ansiedade em adolescentes**

Até ao início do século XIX, a *ansiedade* em crianças e adolescentes não ocupou um espaço relevante na literatura psiquiátrica. Apenas na segunda metade do século XIX a ansiedade infantil passou a ser percebida como “um fator de vulnerabilidade”, alcançando posteriormente o estatuto de perturbação psiquiátrica. Durante muito tempo, a sua concetualização e o seu diagnóstico não eram específicos e somente nas últimas décadas se verificou um esforço de investigação nas áreas da psicologia e psiquiatria (Silverman e Treffers, 2001). Devido a esta evolução, foi-se aceitando que as crianças e os adolescentes têm perturbações de ansiedade, diferentes das manifestações de medos (Fonseca, 2010).

A ansiedade é vista como uma emoção caracterizada por um estado de apreensão desconfortável, comumente orientada por reações do sistema nervoso autónomo (Fonseca, 2010). Quando normativa, a ansiedade visa alertar o indivíduo para situações novas, inesperadas e/ou perigosas, permitindo preparar-se para enfrentá-las ou evitá-las, utilizando os seus mecanismos de defesa (Rosen e Schulkin, 1998). Assim, a ansiedade envolve um conjunto de estratégias, que se estendem desde a perceção até à execução rápida de ações, tendo como foco a proteção do sujeito perante o perigo ou uma ameaça antecipada (Baptista, 2000).

Com o passar do tempo, as crianças vão adquirindo noções mais abrangentes do mundo que as rodeia, ganhando autonomia em diversas situações ameaçadoras, alterando, reduzindo ou até eliminando os seus níveis de ansiedade. Contudo, se a ansiedade pode ser normativa, também se pode revelar patológica, quando a criança e/ou adolescente vivencia de modo sistemático níveis extremos de ansiedade (Fonseca, 2010).

As *perturbações de ansiedade* encontram-se entre os problemas de saúde mental mais frequentes entre crianças e adolescentes (Cunha, 2006; Sharma, Sagar, Deepak, Mehta e Balhara, 2011), estando inseridas no quadro de referência para a organização das perturbações de ansiedade no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR) da Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2002).

A ansiedade normal ou patológica compreende sempre três elementos: a resposta motora, a resposta cognitiva e a resposta fisiológica, podendo integrar um grande número de reações (Zingbarg e Barlow, 1996, cit. por Fonseca, 2010). A resposta motora da ansiedade é

descrita como um comportamento de evitamento, inquietude ou desassossego (e.g. torcer as mãos; andar agitado e até ocasionalmente gaguejar). Além destas características, também pode ocorrer uma reação de imobilidade ou pedidos constantes de auxílio. Ao nível cognitivo, a ansiedade caracteriza-se principalmente por distorções cognitivas sobre a sua segurança, receios e grande apreensão. Por fim, a resposta fisiológica da ansiedade envolve uma ativação acentuada do sistema nervoso autónomo (e.g. transpiração mais intensa do que é habitual), que normalmente induz o indivíduo a apresentar diversas queixas somáticas (Fonseca, 2010).

A diversidade de possíveis situações de perigo e as suas respetivas características pressupõem diferentes respostas de alarme, face às particularidades e funções específicas de cada indivíduo. Isto significa que o tipo de resposta dada, a resposta ansiosa observável (a fuga, evitação ou imobilidade), a defesa agressiva ou a submissão, deve ser adaptado de acordo com o tipo de ameaça detetada (Baptista, 2000).

Após este enquadramento, surge uma questão pertinente: *Se a ansiedade faz parte de um processo normal de desenvolvimento observável, quando é que esta se transforma em psicopatologia?* Neste sentido, há um largo consenso entre clínicos relativamente à distinção entre ansiedade normal e patológica. Concretamente, existem perturbações de ansiedade quando o indivíduo atinge uma intensidade considerável, que vai muito para além do que se espera numa determinada idade. A ansiedade patológica é desmedida perante o perigo e aparentemente não têm uma causa observável, persistindo durante muito tempo e causando grandes limitações no funcionamento do indivíduo (Fonseca, 2010).

Rosen e Schulkin (1998) abordam no seu estudo a forma como a ansiedade patológica se pode desenvolver a partir de estados de medo adaptativos. Revelam que respostas de medo, tais como o congelamento, sobressalto, alterações da pressão arterial, frequência cardíaca e uma maior vigilância, são respostas comportamentais funcionalmente adaptáveis que surgem perante uma situação de perigo, impulsionando o indivíduo a dar as respostas mais adequadas. Já a ansiedade patológica manifesta-se nas perturbações de ansiedade, sendo um estado de medo exagerado expresso pela hiperexcitabilidade, hipervigilância e aumento da responsividade comportamental.

A teoria de ansiedade estado-traço de Spielberger serve de sustento teórico à construção do *State-Trait Anxiety Inventory for Children* (STAIC). Segundo este autor, a ansiedade deve ser definida como um estado transitório e como um traço de personalidade relativamente estável. Assim, a *ansiedade-estado* (A-Estado) é compreendida como um estado emocional transitório, qualificado por sentimentos subjetivos de tensão e apreensão,

conscientemente percebidos pelo aumento das atividades do sistema nervoso autónomo. Por seu lado, a *ansiedade-traço* (A-Traço) reporta-se a diferenças individuais relativamente estáveis, evidenciadas por um conjunto de situações percebidas como ameaçadoras, na qual a resposta se cinge a reações de ansiedade desproporcionadas, em intensidade e duração (Spielberger, 1966, 1975, cit. por Matias, 2004).

A evolução dos problemas de ansiedade em crianças e adolescentes tem sido amplamente estudada, sobretudo se as perturbações de ansiedade nesta faixa etária se mantêm estáveis até à idade adulta, se desaparecem, diminuem ou evoluem para outras perturbações (Fonseca, 2010). Sharma et al. (2011) realizaram um estudo com um grupo de indivíduos não ansiosos e um grupo de indivíduos com perturbações de ansiedade, utilizando o STAIC. Os resultados demonstraram que existem diferenças significativas entre grupos, em que as crianças e adolescentes pertencentes ao grupo com diagnóstico de perturbação de ansiedade obtiveram classificações mais elevadas no STAIC. Este grupo apresenta rigidez ou uma flexibilidade autonómica fisiológica reduzida e um menor número de sintomas cognitivos, demonstrando assim mais problemas de internalização.

Também tem sido descrito que as crianças e adolescentes ansiosos apresentam com frequência queixas físicas, em vez de evidenciarem preocupações ou ansiedade psíquica. Estes fatores fisiológicos da ansiedade podem ajudar na avaliação e, conseqüentemente na gestão de perturbações de ansiedade nos adolescentes (Fonseca, 2010).

Quanto à prevalência de género nas perturbações de ansiedade, embora com variações culturais (Essau, Conradt e Petermann, 2000), há tendência para as raparigas apresentarem maior sintomatologia ansiosa do que os rapazes (Cunha, 2006). No que respeita às diferenças na manifestação de ansiedade em função da idade, existe uma propensão para a ansiedade aumentar com a idade (Essau et al., 2000). Neste sentido, tem sido descrito que os adolescentes entre os 14 e 17 anos manifestam um nível mais elevado de perturbações de ansiedade (Borges, Manso, Tomé e Matos, 2008).

A posição na fratria também pode estar relacionada com a ansiedade infantil e juvenil, ainda que a literatura não seja convergente. Assim, o estudo de Bögels e Brechman-Toussaint (2006) mostrou que os primeiros filhos são apenas mais tímidos, enquanto outros estudos não encontraram efeitos significativos na ordem de nascimento. No entanto, de forma geral, o primeiro filho tem propensão para apresentar um comportamento mais dominante, como resultado de diferenças hormonais e da própria idade. Neste contexto, as crianças que foram afetadas de forma negativa pelo seu irmão mais velho podem ser mais ansiosas.



## A família e a parentalidade

Quando se fala em família, associamos a um lugar onde naturalmente nascemos, crescemos e morremos. Este contexto envolve um conjunto de emoções e afetos, que vão dando forma ao sentimento de quem somos e de pertencer a uma determinada família (Alarcão, 2002). A família com filhos adolescentes é a etapa mais longa e difícil do ciclo vital da família, no sentido em que impõe uma incessante estabilidade entre as exigências do sistema familiar e as aspirações de cada membro da família. Assim, é impossível pensar nesta etapa sem a encarar como um período de grandes mudanças (Alarcão, 2002) e transições que implicam sucessivas alterações ao nível físico, cognitivo e psicossocial (Papalia, Olds e Feldman, 2001). Estas transformações provocam desequilíbrios na família, sendo as funções de estabilidade do sistema familiar conduzidas de forma a manterem o equilíbrio anterior ou a procurarem um novo equilíbrio, através de negociações entre pais e filhos (Fleming, 2005).

A família pode ser considerada um grupo institucionalizado, uma vez que constitui uma base importante da vida social, devido às trocas que estabelece com o exterior (Alarcão, 2002). Este processo de socialização é contínuo, ou seja, ocorre durante a infância e adolescência, potenciando transformações que provocam alterações na abordagem das estratégias de socialização e nas formas de relação entre pais e filhos (Maccoby e Martin, 1983). Deste modo, o adolescente vai desenvolvendo a sua capacidade de autonomia, e estabelecendo relações mais diversificadas (Papalia, Olds e Feldman, 2001).

Nos últimos anos, o adiamento da parentalidade e até a renúncia a ter filhos são tendências demográficas da sociedade portuguesa (INE, 2008). O facto da relação entre a área profissional e familiar ser bastante sensível às condições do meio envolvente, poderá estar na base dessas transformações (Matias, Silva e Fontaine, 2011). Além destes factos, um filho envolve grandes responsabilidades, mudanças nas rotinas e diminuição do tempo do casal, podendo gerar tensões conjugais (Canavarro, 2001).

Atualmente, a *parentalidade* é alvo de diversas investigações, sobretudo pela importância atribuída à interação entre pais e filhos, uma vez que a sua qualidade exerce uma forte influência no desenvolvimento (in)adaptativo das crianças (Cummings, Davies e Campbell, 2000; Darling e Steinberg, 1993; Maccoby e Martin, 1983; Pereira, 2007).

A partir dos anos 60 do século XX, os estudos pioneiros sobre a parentalidade focaram principalmente os comportamentos educativos parentais, realçando a importância das investigações de *Diana Baumrind*. No entanto, desde a década de 80, o papel dos

processos cognitivos, ou seja, das crenças que os pais têm sobre o desenvolvimento e educação dos seus filhos, começaram a adquirir uma atenção expressiva. Foi igualmente inevitável a valoração dos processos afetivos parentais, visto que o ser humano não é um “processador de informação neutro” (Cruz, 2005).

Darling e Steinberg (1993) apresentam uma importante distinção entre *práticas e estilos educativos parentais*. As práticas educativas parentais envolvem comportamentos específicos, em que os pais exercem as suas responsabilidades parentais em determinados contextos sociais, incluindo técnicas para orientar os seus filhos. Estas estratégias são utilizadas pelos pais em certas situações, tendo como intuito transmitir aos filhos como é que pretendem que eles se comportem. Em contrapartida, os estilos educativos parentais aglomeram um conjunto de atitudes parentais, designadamente, os objetivos respeitantes à socialização, as práticas educativas usadas para auxiliar a criança a atingir essas metas e o clima emocional no qual a socialização ocorre. Assim, o estilo educativo parental deve ser compreendido mais como um contexto em que ocorre a socialização, em vez de uma prática de socialização em si.

Há duas abordagens centrais no comportamento parental, a *tipológica* e a *dimensional*. A abordagem tipológica identifica os tipos de estilos educativos parentais, enquanto a abordagem dimensional dissocia os estilos educativos parentais em duas dimensões: controlo e suporte/afeto dos pais perante os seus filhos (Simões, 2011).

Na abordagem tipológica, destacam-se as investigações de Diana Baumrind (cf. Baumrind e Black, 1967). As suas pesquisas identificaram três tipos de estilos educativos parentais, nomeadamente: o *permissivo*, o *autoritário*, e o *autoritativo* ou *autorizado*. De acordo com Baumrind (1967), os pais com um estilo permissivo fazem poucas exigências e consentem que os filhos monitorizem as suas próprias atividades. Quanto à tomada de decisões, os pais consultam os filhos e raramente os punem. Ao nível do afeto são calorosos, mas não são exigentes nem controladores. No estilo autoritário, os pais regem-se pela obediência incontestável (Darling, 1999), ou seja, controlam muito o comportamento dos filhos e demonstram pouca efetividade. Já os pais autoritativos respeitam a individualidade dos filhos, inculcando determinados valores sociais. Demonstram afeto, exigência e firmeza nos seus padrões de conduta, bem como disposição para punir adequadamente. Encorajam igualmente a comunicação e partilha de opiniões com os filhos (Baumrind, 1967; Maccoby e Martin, 1983). Posteriormente foi integrado um novo tipo de estilo educativo, o negligente, que se qualifica pela reduzida tendência de envolvimento dos pais com os filhos, tanto ao

nível da exigência como da capacidade de resposta. Geralmente são pais frios, inacessíveis e não oferecem aos filhos os estímulos afetivos de que necessitam (Darling, 1999).

Por seu lado, a abordagem dimensional envolve as dimensões *suporte/afeto* e *controlo*. A dimensão suporte/afeto diz respeito a um conjunto de características que os pais apresentam na interação com os seus filhos, designadamente suporte parental, expressões de afeto, disponibilidade afetiva, tom emocional positivo, aceitação da criança, envolvimento positivo, sensibilidade para os estados psicológicos da criança e respetivas respostas às suas necessidades psicológicas. Estes comportamentos parentais têm como principal finalidade suprir as necessidades básicas da criança, de modo a que se sinta aceite e acarinhada pelos seus pais (Cummings, Davies e Campbell, 2000). No polo oposto temos a rejeição parental que pode provocar efeitos nefastos, estando associada a níveis mais elevados de preocupação nas crianças (Brown e Whiteside, 2008; Muris, Meesters, Merckelback e Hülsenbeck, 2000). Já nos adolescentes existe um risco elevado para o desenvolvimento de depressão e agressividade (Akse, Hale, Engels, Raaijmakers e Meeus, 2004). Compreende-se, deste modo, que a rejeição parental possa atuar como agente de desenvolvimento da ansiedade, potenciando o risco de psicopatologia.

Barber (1994) fez a diferenciação entre dois tipos de controlo parental: o psicológico e o comportamental, demonstrando que os dois tipos de controlo têm diferentes associações com problemas internalizados (e.g. ansiedade) e externalizados (e.g. agressividade) nos adolescentes. Uma das principais conclusões que Barber (1994) salienta é que existem padrões de interação familiar que inibem o desenvolvimento psicológico dos jovens, apresentando um risco particular para o aparecimento de problemas internalizados. O mesmo estudo revela que o controlo psicológico é considerado uma forma negativa de exercer controlo, porque invalida e manipula a expressão psicológica e emocional dos adolescentes. Quando percebido pelos adolescentes, o controlo psicológico pode associar-se a problemas de formação da personalidade e de internalização/externalização (Barber, 1996).

Assim, um comportamento parental equilibrado é fundamental para que os filhos possam ter um desenvolvimento harmonioso. Segundo a literatura, há fatores que podem influenciar o comportamento parental, nomeadamente fatores relacionados com a criança e adolescente, tais como: variáveis genéticas, idade e temperamento. Do mesmo modo, existem fatores relacionados com os pais, designadamente as características neurobiológicas, personalidade, presença de alterações psicológicas, qualidade da relação conjugal (Gladstone e Parker, 2005) e nível de escolaridade (Custódio e Cruz, 2008; Pereira, 2007). Por fim,

destacam-se os fatores contextuais como a religião, sociedade e cultura (Gladstone e Parker, 2005), que podem interferir e/ou moldar o comportamento parental, contribuindo para a existência de diferenças culturais entre os países (e.g. Someya, Uehara, Kadowaki, Tang e Takahashi, 1999). Seguidamente, apresentam-se resultados de estudos que englobam as variáveis mencionadas anteriormente.

Someya et al. (1999) estudaram as diferenças na percepção do comportamento parental num grupo de adolescentes japoneses em função do género, posição na fratria e número de filhos, através da aplicação do *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (EMBU-A). Constataram que os filhos mais velhos do sexo masculino perceberam maior rejeição parental. Por seu lado, as adolescentes raparigas mais velhas perceberam maior suporte emocional dos pais. Os resultados podem ser explicados pelos princípios da sociedade japonesa, uma vez que os pais desejam que as suas filhas sejam amáveis e femininas, portanto, compreende-se que os pais tenham diferentes expectativas relativamente aos seus filhos, sugerindo este estudo que a crença familiar e, sobretudo, a cultura podem influenciar as atitudes dos pais em relação aos mesmos. Além destes dados, o número de filhos reduz a utilização de comportamentos de suporte parental, aumentando as ações punitivas dos pais.

Relativamente ao impacto da autoridade parental, envolvimento dos pais na escolaridade dos filhos e incentivo dos pais ao sucesso escolar, Steinberg, Lamborn, Dornbusch e Darling (1992) constataram que a autoridade parental induz a um melhor desempenho escolar do adolescente, e a um forte envolvimento dos pais na escolaridade dos filhos, exerce uma influência positiva sobre o seu rendimento. Por seu lado, Feitosa, Matos, Del Prette e Del Prette (2005) referem que quanto maior a dificuldade no relacionamento entre pais e filhos, mais elevada é a tendência para os adolescentes terem um baixo rendimento académico.

De acordo com Pereira (2007), existem associações entre o nível de escolaridade dos pais e os estilos educativos parentais utilizados. Assim, os pais com baixas habilitações académicas são mais vulneráveis a fatores de stresse, o que pode influenciar negativamente a sua conduta educativa, sendo mais rejeitantes e aplicando estratégias mais punitivas (Custódio e Cruz, 2008).

Após esta exposição teórica, constata-se que a dimensão suporte/afeto se relaciona de modo positivo com diversas esferas do desenvolvimento da crianças e do adolescente, associando-se por exemplo a menos sintomas de externalização, maior autoestima e melhor

desempenho escolar (Doyle e Markiewicz, 2005). Por seu lado, a rejeição parental pode estar associada a diferentes indicadores do desenvolvimento infantil e juvenil (e.g. Akse et al., 2004; Brown e Whiteside, 2008). Neste âmbito, salienta-se que o uso prudente da punição e a relação de apoio entre pais e filhos é uma ferramenta fundamental para o equilíbrio disciplinar (Baumrind, 1997).

### **Estilos educativos parentais e ansiedade em adolescentes**

A literatura tem realçado a influência das relações entre pais e filhos no desenvolvimento de problemas de ansiedade em crianças (Chorpita e Barlow, 1998) e de ansiedade patológica em adolescentes (Blumenthal et al., 2011). Bögels e Brechman-Toussaint (2006) evidenciaram que a hereditariedade genética envolve um conjunto de variáveis familiares que podem estar relacionadas com a transmissão intergeracional da ansiedade. Estes fatores envolvem a vinculação, conflitos conjugais, coparentalidade, o funcionamento da família e relacionamento entre irmãos, bem como as crenças que os pais têm sobre os seus filhos. Assim, existe uma associação entre cada um destes fatores familiares e a ansiedade na criança.

São diversos os estudos que documentam uma associação significativa entre o comportamento parental e a manifestação de ansiedade em crianças e adolescentes (Bögels e van Melick, 2004; Grüner, Muris e Merckelbach, 1999; Lindhout, Markus, Hoogendijk e Boear, 2009; Williams et al., 2009; Wolfrad, Hempel e Miles, 2003). Assim, por exemplo a investigação de Bögels e van Melick (2004) mostra que os comportamentos parentais de autonomia/sobreproteção e aceitação/rejeição estão relacionados com a ansiedade dos pais, mas também com a ansiedade da criança.

A relação entre a perceção do comportamento parental e a sintomatologia ansiosa foi estudada por Grüner et al. (1999) num grupo de alunos, através da aplicação do EMBU. Os autores concluíram que a rejeição parental e a educação ansiosa estão envolvidas no desenvolvimento de sintomatologia ansiosa em crianças. Por outro lado, Wolfrad et al. (2003) salientam que os estilos educativos parentais com maior suporte e afeto estão relacionados com um nível reduzido de ansiedade na adolescência.

O contexto onde ocorre o comportamento parental e o temperamento da criança também influenciam o risco de problemas de externalização e internalização ao longo do tempo, sendo que a relação entre estas variáveis afeta a curva de crescimento dos problemas

de externalização e internalização (Williams et al., 2009). À semelhança do estudo citado anteriormente, Lindhout et al. (2009) referem que as perturbações de ansiedade na infância e na adolescência não são influenciadas apenas pelo temperamento da criança, mas também pelo estilo educativo dos progenitores.

Ao concluir a revisão da literatura, constata-se a influência dos estilos educativos parentais na ansiedade das crianças e dos adolescentes, destacando-se como particularmente importante o impacto da perceção dos filhos sobre a rejeição parental. Todavia, numa perspetiva inversa, a ansiedade em crianças e adolescentes também pode afetar os estilos educativos dos pais.

Após esta breve síntese, emergiram as seguintes questões de investigação: Que relação existe entre a ansiedade-estado e ansiedade-traço manifestada pelos adolescentes do 3º ciclo do ensino básico? Como se relacionam os diferentes estilos educativos parentais percecionados pelos adolescentes? Que relação existe entre a perceção dos estilos educativos parentais e sintomatologia ansiosa nos adolescentes e algumas variáveis sociodemográficas? Qual a relação entre os estilos educativos parentais e a manifestação de ansiedade em adolescentes?

## **Objetivos**

Para clarificar a problemática em estudo, o objetivo geral desta investigação visa *analisar o papel que a perceção dos adolescentes sobre os estilos educativos parentais tem sobre a manifestação de sintomatologia ansiosa*. Seguidamente, pretende-se, através dos objetivos específicos: 1) Analisar as diferenças na manifestação da sintomatologia ansiosa (ansiedade-estado e ansiedade-traço) em função de algumas variáveis individuais dos adolescentes (género, idade, posição na fratria e (in)sucesso escolar) e do nível de escolaridade do pai e da mãe; 2) Compreender as diferenças na perceção dos estilos educativos parentais (suporte emocional, sobreproteção e rejeição) em função de algumas variáveis individuais dos adolescentes (género, idade, posição na fratria e (in)sucesso escolar) e do nível de escolaridade do pai e da mãe; 3) Avançar um modelo preditor da sintomatologia ansiosa, analisando o contributo das variáveis predictoras inserida no modelo (dimensões dos estilos educativos parentais e idade dos adolescentes).

## **Materiais e métodos**

O presente estudo utiliza uma metodologia de investigação quantitativa, visto que se recolhem dados observáveis e quantificáveis (Fortin, 1999). Assim, esta investigação baseia-se num paradigma exploratório de natureza empirista, sendo correlacional, na medida em que procura explicar determinados conceitos, através da análise de relações entre as variáveis (Reis, 2010).

## **Procedimentos**

Para garantir a exequibilidade da investigação, procedeu-se ao envio do respetivo pedido de autorização à Direção do Colégio São Martinho em Coimbra (Anexo 1), para a realização do trabalho empírico nos meses de fevereiro e março de 2012. Deferido o pedido, elaborou-se o consentimento informado dirigido aos pais (Anexo 2), visto que os participantes eram menores de idade. Realçou-se, igualmente, a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, assim como a garantia de que seriam usados apenas na presente investigação.

Após a entrega das respetivas autorizações, ajustaram-se os dias e horas para a aplicação dos instrumentos, consoante o horário dos alunos e a disponibilidade dos professores. Dado que os participantes eram alunos do referido Colégio, estes foram divididos por turmas, facilitando o processo de recolha de dados. Refira-se que, antes da passagem dos instrumentos, realizou-se um ensaio, para haver um maior controlo sobre algumas dificuldades que pudessem surgir durante este processo.

Aquando a passagem dos instrumentos em contexto de sala de aula, estiveram presentes duas investigadoras e, por vezes, as respetivas professoras de cada turma. Uma das investigadoras explicou os objetivos do estudo e as instruções para que os participantes compreendessem a finalidade de cada questionário, salientando-se que iriam ser respeitados os princípios éticos de confidencialidade e anonimato. A outra investigadora teve como função observar o comportamento dos alunos. Foi igualmente necessário que as investigadoras esclarecessem algumas dúvidas dos alunos relativamente a alguns itens dos questionários. Os alunos demoraram cerca de 45 minutos a completar três questionários utilizados: Questionário Sociodemográfico, STAIC e EMBU-A (Anexo 3).



## **Amostra**

Após se ter identificado a população do estudo, foi fundamental definir o modo de seleção dos sujeitos que iriam constituir a amostra, ou seja, que tipo de amostragem iria ser feita (Maroco, 2010). Neste sentido, foi utilizada a amostragem não-probabilística acidental, por ser uma amostra composta por sujeitos que são facilmente atingíveis e que estão presentes num determinado local e num preciso momento (Fortin, 1999), sendo os elementos da amostra selecionados pela sua conveniência (Maroco, 2010).

Foram definidos como critérios de inclusão na amostra: frequência atual do 7º, 8º e 9º ano do ensino básico, com idades compreendidas entre os 12 e 15 anos. Já os critérios de exclusão abrangeram adolescentes com necessidades educativas especiais, adolescentes institucionalizados, e adolescentes em que o pai ou a mãe tenham falecido.

Dos 163 questionários iniciais, 27 foram excluídos do estudo, dado que estavam incompletos ou porque os adolescentes faltaram à escola no dia da aplicação dos instrumentos. Assim, o total da amostra foi de 136 adolescentes ( $n = 136$ ), sendo constituída por 48 rapazes (35,3%) e 88 raparigas (64,7%), constatando-se que é maioritariamente constituída por sujeitos do género feminino. A média de idades é 13,29 anos ( $DP = 0,94$ ) com uma distribuição entre os 12 e os 15 anos, sendo menos frequente os adolescentes terem entre 14 e 15 anos (45,6%). No que concerne ao ano de escolaridade, ainda que exista uma distribuição semelhante por ano de escolaridade, verificou-se que a maior parte dos sujeitos frequentam o 8º ano (36,0%). Relativamente à posição na fratria, existe uma distribuição muito semelhante pelos grupos constituídos por filhos únicos, filhos mais velhos e filhos mais novos, sendo menos frequentes os filhos do meio (4,4%). No que respeita às disciplinas com nota negativa, o mais frequente é os elementos da amostra não terem negativas (52,9%). Seguidamente, pode observar-se na Tabela 1 os dados sociodemográficos relativos à amostra de adolescentes.



**Tabela 1***Caraterização sociodemográfica da amostra de adolescentes*

	<i>n</i> = 136	%	Medidas descritivas
Género			
Masculino	48	35,3	Moda: feminino
Feminino	<b>88</b>	<b>64,7</b>	
Idade			M = 13,2
12 - 13 Anos	<b>74</b>	<b>54,4</b>	Mediana = 13
14 - 15 Anos	62	45,6	Moda: 14
			DP = 0,94
Ano de escolaridade			Moda: 8º ano
7º Ano	45	33,1	
8º Ano	<b>49</b>	<b>36,0</b>	
9º Ano	42	30,9	
Posição na fratria			Moda: filho mais novo
Filho único	41	30,1	
Filho mais velho	43	31,6	
Filho do meio	6	4,40	
Filho mais novo	<b>46</b>	<b>33,8</b>	
Nº disciplinas nota negativa			M = 0,65
0	<b>72</b>	<b>52,9</b>	Mediana = 0
1 - 2	39	28,7	Moda: 0
3 - 7	25	18,4	DP = 0,77

*n* = número total de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão.

A Tabela 2 apresenta a caraterização sociodemográfica dos pais dos adolescentes em estudo. A idade dos pais mais frequente situa-se entre os 40 e 49 anos, tanto no pai (71,2%), como na mãe (69,9%). Realça-se igualmente que a média de idades do pai e da mãe varia entre 44,71 (*DP* = 5,16) e 42,15 (*DP* = 4,29), respetivamente. No que concerne ao nível de escolaridade dos pais, é mais frequente tanto o pai (53,7%), como a mãe (55,9%) terem entre o 9º e o 12º ano. Por fim, pode referir-se que, em relação à situação profissional, a maior parte dos pais (91,2%) e das mães (88,2%) estão empregados.

**Tabela 2***Caraterização sociodemográfica dos pais dos adolescentes*

	<i>n</i> pai = 136	%	<i>n</i> mãe = 136	%	Medidas descritivas
Idade do pai					M = 44,71
34 - 39 Anos	19	14			Mediana = 45
40 - 49 Anos	<b>97</b>	<b>71,2</b>			Moda: 45
50 - 63 Anos	20	14,6			DP = 5,16
Idade da mãe					M = 42,15
32 - 39 Anos			37	27,1	Mediana = 42
40 - 49 Anos			<b>95</b>	<b>69,9</b>	Moda: 44
50 - 55 Anos			4	2,9	DP = 4,29
Nível de escolaridade					Moda pai e mãe: 9º ao 12º ano
4º - 6º Ano	40	29,4	31	22,8	
9º - 12º Ano	<b>73</b>	<b>53,7</b>	<b>76</b>	<b>55,9</b>	
Ensino superior	23	16,9	29	21,3	
Situação profissional					Moda pai e mãe: trabalha
Desempregado	10	7,4	16	11,8	
Trabalha	<b>124</b>	<b>91,2</b>	<b>120</b>	<b>88,2</b>	
Reformado	2	1,5	-	-	

## **Instrumentos**

### **Questionário Sociodemográfico**

O Questionário Sociodemográfico visa a identificação e caracterização sociodemográfica dos adolescentes e dos seus pais. Este questionário é composto por nove questões, podendo ser dividido em duas partes. A primeira parte do questionário correspondente à caracterização dos adolescentes envolvendo as variáveis: idade, género, ano de escolaridade e o número de disciplinas com nota negativa no 1º período. A segunda parte do questionário compreende variáveis relacionadas com os pais: composição do agregado familiar, idade, nível de escolaridade e situação profissional do pai e da mãe. Através dos dados relativos aos irmãos, foi possível determinar a posição do adolescente na fratria.

### **State-Trait Anxiety Inventory for Children (STAIC)**

O STAIC foi traduzido e adaptado por Ponciano e Matias (Matias, 2004) para a população portuguesa, tendo por base o instrumento original de Spielberger, Edwards, Montuori e Lushene (1973). Este questionário pretende medir a ansiedade em crianças entre os 9 e os 12 anos de idade, contudo também pode ser aplicado em crianças mais novas (com capacidade de leitura média ou superior) ou crianças mais velhas (com dificuldades de aprendizagem).

A versão definitiva baseou-se num estudo, envolvendo crianças e adolescentes com idades entre os 9 e os 15 anos, em que os resultados da aplicação do STAIC estavam em conformidade com os valores apresentados na versão original de Spielberger (Matias, 2004). Corroborando o pensamento da autora, tendo em conta que os itens do STAIC são muito semelhantes em conceção e estrutura à do inventário para adultos, achou-se pertinente aplicá-lo aos jovens da nossa amostra, que têm idades entre os 12 e os 15 anos.

A escala de ansiedade-estado é composta por 20 itens, que solicitam ao adolescente uma resposta que demonstre o que sente “neste preciso momento”, havendo três hipóteses de resposta (e.g. “sinto-me muito preocupado, preocupado ou nada preocupado”). Nesta escala, metade dos itens refletem a presença de ansiedade (2, 3, 4, 6, 9, 11, 12, 16, 17 e 18) e a outra metade ausência de ansiedade (1, 5, 7, 8, 10, 13, 14, 15, 19 e 20). Os itens que evidenciam a

presença de ansiedade são cotados com uma pontuação de 3 (muito) a 1 (nada), sendo o peso das pontuações invertido nos itens que indicam ausência de ansiedade (Matias, 2004).

A escala de ansiedade-traço contém igualmente 20 itens, em que as respostas indicam “como habitualmente se sente” o adolescente. As respostas têm três hipóteses de escolha (por exemplo, “sinto-me infeliz: quase nunca, algumas vezes ou quase sempre”). A resposta “quase sempre” indica um nível mais elevado de ansiedade, como sendo um traço de personalidade. As pontuações totais das escalas de ansiedade-estado e ansiedade-traço são obtidas através do somatório das pontuações dos 20 itens de cada escala (Matias, 2004).

No que concerne à fidedignidade, os valores do alfa de *Cronbach* ( $\alpha$ ) encontrados no estudo original na escala de ansiedade-estado para rapazes é de 0,82, enquanto para as raparigas é de 0,87. Já na escala de ansiedade-traço, realçam-se alfas de 0,78 e 0,81, respetivamente para rapazes e raparigas (Spielberger, et al., 1973). Na versão portuguesa a escala de ansiedade-estado tem um alfa de 0,86 para os rapazes e para as raparigas de 0,88. Na ansiedade-traço o alfa é de 0,76 para os rapazes e 0,81 nas raparigas (Matias, 2004).

No presente estudo, foi conduzida uma análise psicométrica do STAIC em função do género, ainda que na nossa amostra não fosse pertinente fazê-la. Assim, verifica-se que os alfas de *Cronbach* na escala de ansiedade-estado em rapazes ( $\alpha = 0,63$ ) e em raparigas ( $\alpha = 0,80$ ) são mais baixos do que no estudo original e na versão portuguesa, sobretudo nos rapazes. Na escala de ansiedade-traço, o valor de alfa é de 0,85, constatando-se que é superior aos outros estudos, enquanto o alfa de *Cronbach* na escala de ansiedade-traço em raparigas é de 0,80, valor idêntico ao estudo original e à versão portuguesa do instrumento. No que respeita ao estudo psicométrico do STAIC sem diferenciação de género, obtiveram-se bons alfas de *Cronbach*, nomeadamente 0,74 na escala de ansiedade-estado e 0,82 na escala de ansiedade-traço. Na Tabela 3 apresentam-se os valores de alfa de *Cronbach* relativamente ao estudo original, à versão portuguesa e ao presente estudo.

### Tabela 3

*Alfas de Cronbach do STAIC do estudo original, da versão portuguesa e do presente estudo*

$\alpha$ Cronbach	Ansiedade-estado		Ansiedade-traço	
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas
Estudo original (Spielberger et al., 1973)	0,82	0,87	0,78	0,81
Versão portuguesa (Matias, 2004)	0,86	0,88	0,76	0,81
Presente estudo	0,63	0,80	0,85	0,80
	0,74		0,82	

### **A Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A)**

As siglas do EMBU correspondem às iniciais da autora Eгна Minnen av Beträffande Uppfostram do “*My Memories of Upbringing*” (Perris, Jacobsson, Lindstrom, Von Knorring e Perris, 1998, cit. por Lacerda, 2005). Este instrumento foi criado e desenvolvido por Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Emmelkamp (1991), tendo como objetivo medir a percepção do sujeito relativamente à frequência com que ocorrem determinados comportamentos educativos durante a infância e adolescência, aplicados em separado em relação ao pai e à mãe. Lacerda (2005) adaptou este questionário, criando a versão portuguesa para adolescentes dos 12 aos 17 anos.

O EMBU-A é composto por 48 itens, que devem ser respondidos pelo adolescente numa escala de *Likert* de quatro pontos: “não, nunca”; “sim, ocasionalmente”; “sim, frequentemente”; e “sim, a maior parte do tempo”. Optou-se pela distribuição fatorial do estudo principal de Lacerda (2005), ou seja, os itens que compõem cada dimensão são iguais para o pai e para a mãe. Realçam-se três dimensões: a) *Suporte Emocional*: engloba itens (2, 8, 9, 15, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 28, 29, 32, 36, 40, 44, 45, 46 e 48) que remetem para o afeto e apoio emocional; b) *Sobreproteção*: composta por itens (1, 6, 12, 14, 17, 22, 27, 30, 31 e 43) que estão mais ligados a regras, imposição de normas e controlo excessivo dos pais; c) *Rejeição*: os itens (3, 4, 5, 7, 10, 11, 13, 16, 20, 26, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42 e 47) fazem alusão a castigos, aplicação direta da força com o intuito de influenciar o comportamento dos filhos e privação de objetos ou privilégios.

No que respeita à fidedignidade da escala, no estudo original de Gerlsma et al. (1991) a dimensão suporte emocional tem alfas de *Cronbach* de 0,88 tanto para o pai, como para mãe; na dimensão sobreproteção os valores de alfa são de 0,62 e 0,60 para o pai e para mãe, respetivamente; e na dimensão rejeição os alfas relativos ao pai e à mãe são de 0,86. Na versão portuguesa de Lacerda (2005) a dimensão suporte emocional tem alfas de 0,93 para o pai e 0,91 para a mãe; na dimensão sobreproteção os alfas têm um valor 0,63 para o pai e 0,64 para mãe e na dimensão rejeição o alfa para o pai é estimado em 0,91 e em 0,87 para a mãe. Quanto à amostra do presente estudo, o valor de alfa de *Cronbach* na dimensão suporte emocional é 0,93 e 0,92, para o pai e para a mãe, respetivamente; na dimensão sobreproteção, o alfa corresponde a 0,72 para o pai e 0,65 para a mãe; e, por fim, na dimensão rejeição o valor de alfa é 0,89 para o pai e 0,88 para a mãe. O presente estudo apresenta valores de alfa de *Cronbach* elevados nas dimensões suporte emocional e rejeição, enquanto na dimensão

sobreproteção são mais baixos, demonstrando semelhanças com o estudo original e com a versão portuguesa. Dado que, a maior parte destes valores se situam entre 0,70 e 0,80 são considerados bons, evidenciando uma boa consistência interna. Na Tabela 4 estão patentes os alfas de *Cronbach*, no que concerne ao estudo original, à amostra da versão portuguesa e à amostra do presente estudo.

**Tabela 4**

*Alfas de Cronbach do EMBU-A do estudo original, da versão portuguesa e do presente estudo*

<i>α Cronbach</i>	Suporte emocional		Sobreproteção		Rejeição	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Estudo original (Gerlisma et al., 1991)	0,88	0,88	0,62	0,60	0,86	0,86
Versão portuguesa (Lacerda, 2005)	0,93	0,91	0,62	0,64	0,91	0,87
Presente estudo	0,93	0,92	0,72	0,65	0,89	0,88

### Análise estatística

Para a realização deste trabalho utilizou-se o programa informático de análise estatística, o *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 19.0 para Windows.

Numa primeira fase, reconheceu-se a necessidade de recodificar algumas variáveis de modo a facilitar as futuras análises, nomeadamente: idade dos adolescentes (1: 12-13 anos, 2: 14-15 anos); (in)sucesso escolar (0: nenhuma negativa; 1: 1-2 negativas; 2: 3-7 negativas); nível de escolaridade do pai e da mãe (1: 4º ao 6º ano; 2: 9º ao 12º ano; 3: ensino superior).

De seguida, procedeu-se ao cálculo da normalidade da distribuição da amostra através do teste da normalidade de *Kolmogorov-Smirnov*, que indicou que a amostra não tem uma distribuição normal. Foram igualmente calculados os coeficientes de assimetria (*Sk*) e curtose (*Ku*) e nenhuma variável apresentou valores indicativos de violações severas à distribuição normal ( $Sk < |3|$  e  $Ku < |10|$ ). Neste sentido, utilizaram-se testes paramétricos, uma vez que uma amostra tende para a normalidade quando tem um *n* superior a 30 (Pestana e Gageiro, 2008).

Posteriormente, fez-se uma análise descritiva, envolvendo o cálculo de frequências absolutas e percentuais, bem como medidas de tendência central e medidas de dispersão. Determinou-se o coeficiente de correlação de *r* de *Pearson* para testar as associações entre as dimensões do STAIC e do EMBU-A. Calculou-se, ainda, o teste *t* de *Student* com o intuito de verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas nas dimensões do STAIC e

no STAIC total e nas dimensões do EMBU-A avaliados para o pai e para a mãe, em função das variáveis gênero e idade dos adolescentes. Para analisar a variância nas pontuações médias das dimensões do STAIC e do EMBU-A em função de algumas variáveis (posição na fratria, (in)sucesso escolar dos adolescentes e nível de escolaridade do pai e da mãe), utilizou-se a ANOVA *Oneway*. Neste contexto, efetuou-se o teste *Post-Hoc* de *Tukey* para situar as diferenças nas pontuações médias entre os respectivos grupos. Finalmente, foi conduzida uma regressão linear através do método *stepwise*, sendo analisado o contributo das dimensões do EMBU-A e da idade dos adolescentes para a predição da sintomatologia ansiosa dos adolescentes.

## Apresentação de resultados

### Sintomatologia ansiosa

Foram estudadas as associações entre as dimensões do STAIC, utilizando-se o coeficiente de correlação de *Pearson*, apresentadas na Tabela 5.

**Tabela 5**

*Correlações entre as dimensões do STAIC*

Dimensões-STAIC	Ansiedade-traço	Ansiedade-total
Ansiedade-estado	<b>0,419**</b>	<b>0,849**</b>
Ansiedade-traço	-	<b>0,835**</b>

Coeficiente de *Pearson* (\*\* $p < 0,01$ )

Como seria esperado de acordo com os pressupostos teóricos subjacentes ao STAIC, os resultados demonstram que existem associações estatisticamente significativas entre a ansiedade-estado e a ansiedade-traço ( $p = 0,419$ ), entre a ansiedade-estado e a ansiedade-total ( $p = 0,849$ ), bem como entre a ansiedade-traço e a ansiedade-total ( $p = 0,835$ ).

Foi realizada a análise da variância da sintomatologia ansiosa (ansiedade-estado, ansiedade-traço e ansiedade-total) em função das variáveis idade e gênero dos adolescentes. Na Tabela 6 podem consultar-se os resultados do Teste *t* de *Student* para a variável idade dos adolescentes, que indicam que existem diferenças estatisticamente significativas na ansiedade-estado em função da idade ( $p = 0,033$ ). Neste sentido, são os adolescentes mais velhos ( $M = 31,39$ ;  $DP = 7,60$ ) a manifestar pontuações mais elevadas na ansiedade-estado, em comparação com os adolescentes mais novos ( $M = 29,42$ ;  $DP = 4,50$ ). No mesmo sentido, as médias indicam que os adolescentes mais velhos têm maior tendência para manifestar

níveis mais elevados de ansiedade-traço, apesar desta diferença não ser estatisticamente significativa.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na manifestação de sintomatologia ansiosa entre rapazes e raparigas (estado  $p = 0,71$ ; traço  $p = 0,70$ ; total  $p = 0,76$ ), ainda que haja uma tendência para serem as raparigas a manifestarem uma maior ansiedade-traço ( $M = 38,19$ ;  $DP = 5,66$ ) e ansiedade-total ( $M = 68,48$ ;  $DP = 10,42$ ), comparando com os rapazes cujas ansiedade-traço ( $M = 35,58$ ;  $DP = 6,09$ ) e ansiedade-total ( $M = 65,96$ ;  $DP = 9,64$ ) são mais baixas. Já na ansiedade-estado os resultados são idênticos para rapazes ( $M = 30,38$ ;  $DP = 5,75$ ) e para raparigas ( $M = 30,28$ ;  $DP = 6,41$ ).

**Tabela 6**

*Análise da variância da sintomatologia ansiosa em função da idade*

Idade	Total ( $n = 136$ )		12 - 13 Anos ( $n = 74$ )		14 - 15 Anos ( $n = 62$ )		$t$	$p$
	$M$	$DP$	$M$	$DP$	$M$	$DP$		
Ansiedade-estado	30,32	6,17	29,42	4,50	31,39	7,60	1,87	<b>0,033</b>
Ansiedade-traço	37,27	5,93	36,24	5,69	38,50	6,02	2,24	0,801
Ansiedade-total	67,59	10,19	65,66	8,04	69,89	11,94	2,45	0,142

$t$  = teste  $t$  de Student ( $p < 0,05$ )

Para se analisar as diferenças na sintomatologia ansiosa em função do (in)sucesso escolar dos adolescentes efetuou-se uma ANOVA. Como se pode verificar na Tabela 7, há diferenças estatisticamente significativas na ansiedade-traço ( $p = 0,034$ ), resultantes do nível de insucesso escolar dos jovens.

**Tabela 7**

*Análise da variância da sintomatologia ansiosa em função do (in)sucesso escolar*

(In)sucesso escolar	0 Notas negativas ( $n = 72$ )		1-2 Notas negativas ( $n = 39$ )		3-7 Notas negativas ( $n = 39$ )		$f$	$p$
	$M$	$DP$	$M$	$DP$	$M$	$DP$		
Ansiedade-estado	29,90	5,06	30,38	7,58	31,40	6,74	0,54	0,581
Ansiedade-traço	36,15	5,44	37,87	5,76	39,56	6,90	3,46	<b>0,034</b>
Ansiedade-total	66,06	8,24	68,26	11,63	70,96	12,21	2,30	0,103

$f$  = ANOVA ( $p < 0,05$ )

Ao realizar-se o teste de *Post-Hoc* de Tukey, constatou-se que os adolescentes que têm entre 3 e 7 notas negativas ( $M = 39,56$ ;  $DP = 6,90$ ) sentem um nível de ansiedade-traço mais elevado, em comparação com os jovens que têm notas positivas a todas as disciplinas ( $M = 36,15$ ;  $DP = 5,44$ ).

No que respeita às diferenças entre grupos na sintomatologia ansiosa em função das variáveis posição da fratria e nível de escolaridade do pai e da mãe separadamente, a análise da variância através da ANOVA indicou que não existem diferenças nas pontuações médias.

### Estilos educativos parentais

Foram estudadas as associações entre as várias dimensões do EMBU-A, calculando-se o coeficiente de correlação de *Pearson* (Tabela 8).

**Tabela 8**

*Correlações entre as dimensões do EMBU-A*

Dimensões EMBU-A	SupEmoc-Mãe	Sobprot-Pai	Sobprot-Mãe	Rejeição-Pai	Rejeição-Mãe
SupEmoc-Pai	<b>0,468**</b>	<b>0,335**</b>	- 0,130	<b>- 0,387**</b>	<b>- 0,269**</b>
SupEmoc-Mãe	-	0,009	0,121	<b>- 0,234**</b>	<b>- 0,434**</b>
Sobprot-Pai	-	-	<b>0,505**</b>	<b>0,429**</b>	<b>0,275**</b>
Sobprot-Mãe	-	-	-	<b>0,390**</b>	<b>0,439**</b>
Rejeição-Pai	-	-	-	-	<b>0,665**</b>

Coeficiente de *Pearson* (\*\* $p < 0,01$ )

Os resultados demonstram que existe uma correlação estatisticamente significativa positiva entre o suporte emocional paterno e materno ( $p = 0,468$ ), entre a sobreproteção paterna e materna ( $p = 0,505$ ) e a rejeição paterna e materna ( $p = 0,665$ ). O suporte emocional do pai correlaciona-se de modo positivo com a sobreproteção paterna ( $p = 0,335$ ) e apresenta uma correlação negativa com a rejeição paterna ( $p = - 0,387$ ), e com a rejeição materna ( $p = - 0,269$ ). Quanto ao suporte emocional da mãe, este associa-se de modo negativo com a rejeição do pai ( $p = - 0,234$ ) e com a rejeição materna ( $p = - 0,434$ ). No que respeita à dimensão sobreproteção, tanto a sobreproteção paterna se correlaciona positivamente com a rejeição paterna ( $p = 0,429$ ) e com a rejeição materna ( $p = 0,275$ ), bem como a sobreproteção materna apresenta associações estatisticamente significativas com a rejeição do pai ( $p = 0,390$ ) e com a rejeição da mãe ( $p = 0,439$ ).

De seguida, analisou-se se existiam diferenças nos estilos educativos do pai e da mãe (suporte emocional, sobreproteção e rejeição) em função do género e idade dos adolescentes, através do teste *t* de *Student* (Tabela 9).



**Tabela 9***Análise da variância dos estilos parentais em função do gênero dos adolescentes*

Gênero	Total (n = 136)		Masculino (n = 48)		Feminino (n = 88)		t	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
SupEmoc-Pai	61,52	12,80	63,13	9,96	60,73	14,12	0,980	<b>0,056</b>
SupEmoc-Mãe	61,72	10,50	64,45	9,17	64,85	11,25	- 0,197	0,447
SobProt-Pai	24,89	5,63	25,53	5,64	24,57	5,66	0,900	0,964
SobProt-Mãe	24,37	4,38	24,72	4,46	24,18	4,38	0,667	0,698
Rejeição-Pai	27,85	9,42	28,21	8,97	27,67	9,75	0,305	0,523
Rejeição-Mãe	27,75	8,40	27,66	7,61	27,73	8,86	0,043	0,285

t = teste t de Student ( $p < 0,05$ )

Os resultados revelam apenas uma tendência para existirem diferenças de gênero na percepção de suporte emocional do pai ( $p = 0,056$ ), ou seja, são os rapazes que percebem níveis mais elevados de suporte emocional paterno ( $M = 63,13$ ;  $DP = 9,96$ ), comparativamente às raparigas ( $M = 60,73$ ;  $DP = 14,12$ ), no entanto, esta variância não é estatisticamente significativa. Quanto à idade, não se observam diferenças estatisticamente significativas no que respeita aos estilos educativos do pai (suporte emocional:  $p = 0,90$ ; sobreproteção:  $p = 0,85$ ; rejeição:  $p = 0,76$ ) e da mãe (suporte emocional:  $p = 0,74$ ; sobreproteção:  $p = 0,16$ ; rejeição:  $p = 0,42$ ).

Na Tabela 10 apresentam-se as pontuações médias obtidas no EMBU-A em função da posição na fratria, tendo-se realizado para o efeito uma ANOVA.

**Tabela 10***Análise da variância dos estilos parentais em função da posição na fratria*

Posição fratria	Filho único (n = 41)		Filho mais velho (n = 43)		Filho do meio (n = 6)		Filho mais novo (n = 46)		f	p
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
SupEmoc-Pai	64,56	10,80	63,16	12,24	58,17	14,82	57,72	14,00	2,58	<b>0,056</b>
SupEmoc-Mãe	67,93	7,51	64,07	11,98	65,67	11,98	62,35	11,19	2,18	0,093
SobProt-Pai	24,00	5,21	25,28	5,01	23,67	5,88	25,48	6,51	0,66	0,575
SobProt-Mãe	24,56	4,24	23,47	4,55	24,00	4,29	25,09	4,36	1,05	0,369
Rejeição-Pai	24,98	7,28	28,91	9,42	26,67	6,28	29,59	10,91	2,05	0,110
Rejeição-Mãe	25,46	7,02	28,74	8,90	27,67	6,28	28,87	9,10	1,50	0,218

f = ANOVA ( $p < 0,05$ )

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na percepção dos adolescentes sobre os estilos educativos dos pais, ainda que se possa referir uma tendência ( $p = 0,056$ ) para os filhos únicos perceberem mais suporte emocional paterno ( $M = 64,56$ ;  $DP = 10,80$ ), nomeadamente em comparação com os filhos mais novos ( $M = 57,72$ ;  $DP = 14,00$ ).

Seguidamente, foi conduzida mais uma ANOVA para estudar as diferenças nos estilos educativos parentais em função do (in)sucesso escolar dos adolescentes, podendo observar-se

na Tabela 11 que existem diferenças estatisticamente significativas na sobreproteção da mãe ( $p = 0,011$ ), na rejeição do pai ( $p = 0,002$ ) e na rejeição da mãe ( $p = 0,001$ ), dependendo do nível de (in)sucesso escolar.

**Tabela 11**

*Análise da variância dos estilos educativos em função do (in)sucesso escolar*

(In)sucesso escolar	0 Notas negativas ( $n = 72$ )		1-2 Notas negativas ( $n = 39$ )		3-7 Notas negativas ( $n = 25$ )		$f$	$p$
	$M$	$DP$	$M$	$DP$	$M$	$DP$		
SupEmoc-Pai	62,63	11,59	61,21	14,74	58,84	12,98	0,826	0,440
SupEmoc-Mãe	64,00	11,85	66,85	8,71	63,48	8,58	1,145	0,321
SobProt-Pai	24,25	4,74	24,97	6,34	26,60	6,64	1,635	0,199
SobProt-Mãe	23,44	4,36	24,77	4,22	26,40	4,09	4,676	<b>0,011</b>
Rejeição-Pai	25,44	6,99	29,26	9,96	32,60	12,39	6,433	<b>0,002</b>
Rejeição-Mãe	25,82	6,92	28,08	8,96	32,80	9,51	7,012	<b>0,001</b>

$f = \text{ANOVA } (p < 0,05)$

Assim, o teste de comparação *Post-Hoc* de *Tukey* indica que são os adolescentes que têm entre 3-7 notas negativas ( $M = 26,40$ ;  $DP = 4,09$ ) que sentem maior sobreproteção materna, comparativamente com os jovens que têm notas positivas a todas as disciplinas ( $M = 23,44$ ;  $DP = 4,36$ ). No que respeita à rejeição parental, as diferenças situam-se novamente entre os adolescentes que têm entre 3-7 notas negativas, que são os que percecionam níveis mais elevados de rejeição paterna ( $M = 32,60$ ;  $DP = 12,39$ ) e de rejeição materna ( $M = 32,80$ ;  $DP = 9,51$ ), e o grupo de adolescentes que não têm notas negativas, que percecionam menor rejeição paterna ( $M = 25,44$ ;  $DP = 6,99$ ) e menor rejeição materna ( $M = 25,82$ ;  $DP = 6,92$ ). Como não se assegurou a homogeneidade das variâncias na rejeição do pai através do teste da homogeneidade das variâncias de *Levene* (visto que o valor de  $p < 0,05$ ), optou-se por realizar um teste não paramétrico para esta variável. No Teste *H* de *Kruskal-Wallis* foram igualmente encontradas diferenças estatisticamente significativas na rejeição paterna face ao nível de insucesso escolar dos adolescentes ( $p = 0,003$ ), corroborando os resultados anteriormente apresentados.

Na Tabela 12 observam-se as diferenças entre as pontuações médias obtidas no EMBU-A, em função do nível de escolaridade do pai e da mãe, calculadas através da ANOVA. Pode verificar-se que existem diferenças estatisticamente significativas na perceção dos adolescentes acerca da rejeição materna em função das habilitações académicas do pai ( $p = 0,015$ ). O teste *Post-Hoc* de *Tukey* indica que as diferenças significativas se situam entre o grupo de pais que têm habilitações entre o 4º e 6º ano ( $M = 30,83$ ;  $DP = 9,01$ ) e os pais que têm habilitações entre o 9º e 12º ano ( $M = 26,07$ ;  $DP = 7,83$ ), no sentido em que os filhos do

primeiro grupo se sentem mais rejeitados em comparação com os adolescentes filhos do segundo grupo de pais. No mesmo sentido, também se observam diferenças na rejeição paterna em função das habilitações acadêmicas da mãe ( $p = 0,035$ ), sentindo-se os filhos de mães com habilitações entre o 4º e 6º ano ( $M = 31,65$ ;  $DP = 9,83$ ) mais rejeitados, em comparação com os filhos que têm mães com habilitações entre o 9º e 12º ano ( $M = 26,93$ ;  $DP = 9,72$ ). Por fim, foram encontradas diferenças na sobreproteção materna em função do nível de escolaridade da mãe ( $p = 0,007$ ). O teste de *Tukey* situa os filhos de mães com um menor nível de escolaridade ( $M = 26,42$ ;  $DP = 4,08$ ) como percebendo maior sobreproteção materna, comparativamente com os filhos que têm mães com uma escolaridade entre o 9º e o 12º ano ( $M = 23,51$ ;  $DP = 4,20$ ).

**Tabela 12**

*Análise da variância entre os estilos educativos em função do nível de escolaridade dos pais*

Nível escolaridade pai	4º - 6º Ano (n = 40)		9º - 12º Ano (n = 73)		Ensino superior (n = 23)		f	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
SupEmoc-Pai	59,45	13,59	62,71	13,12	61,35	12,80	0,840	0,434
SupEmoc-Mãe	63,48	9,66	65,92	11,14	63,09	9,70	1,034	0,358
SobProt-Pai	25,00	6,52	24,40	5,59	26,26	3,76	0,967	0,383
SobProt-Mãe	25,23	4,65	23,63	4,20	25,22	4,26	2,266	0,108
Rejeição-Pai	30,08	8,41	26,63	10,22	27,87	7,95	1,745	0,179
Rejeição-Mãe	30,83	9,01	26,07	7,83	27,74	7,88	4,341	<b>0,015</b>

  

Nível escolaridade mãe	4º - 6º Ano (n = 31)		9º - 12º Ano (n = 77)		Ensino superior (n = 29)		f	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
SupEmoc-Pai	59,10	12,52	61,67	13,90	63,72	9,61	0,991	0,374
SupEmoc-Mãe	62,87	9,57	65,43	11,25	64,83	9,44	0,654	0,521
SobProt-Pai	26,61	6,50	24,08	5,42	25,17	4,87	2,317	0,103
SobProt-Mãe	26,42	4,08	23,51	4,20	24,41	4,57	5,122	<b>0,007</b>
Rejeição-Pai	31,65	9,83	26,93	9,72	30,84	7,23	3,432	<b>0,035</b>
Rejeição-Mãe	30,84	7,23	26,96	9,11	26,52	6,95	2,813	0,064

f = ANOVA ( $p < 0,05$ )

### Relação entre os estilos educativos parentais e sintomatologia ansiosa

A literatura aponta para a relação entre a ansiedade e os estilos educativos parentais. Sendo esse o principal objetivo do estudo, testou-se esta associação utilizando o coeficiente de correlação de *Pearson* (Tabela 13).

**Tabela 13**

*Correlação entre estilos educativos parentais e sintomatologia ansiosa*

Dimensões	SupEmoc-Pai	SupEmoc-Mãe	Sobprot-Pai	Sobprot-Mãe	Rejeição-Pai	Rejeição-Mãe
Ansiedade-estado	- <b>0,236**</b>	- 0,117	0,198	<b>0,217*</b>	<b>0,353**</b>	<b>0,182*</b>
Ansiedade-traço	- <b>0,259**</b>	- <b>0,252**</b>	<b>0,268**</b>	<b>0,276**</b>	<b>0,405**</b>	<b>0,370**</b>
Ansiedade-total	- <b>0,293**</b>	- <b>0,217*</b>	<b>0,275**</b>	<b>0,292**</b>	<b>0,449**</b>	<b>0,326**</b>

Coefficiente de *Pearson* (\* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ )

Os resultados revelam que o suporte emocional do pai se associa negativamente, de modo estatisticamente significativo, com a ansiedade-estado ( $p = - 0,236$ ), com a ansiedade-traço ( $p = - 0,259$ ) e com a ansiedade-total ( $p = - 0,293$ ). O mesmo se verifica em relação ao suporte emocional materno, mas apenas existe uma correlação negativa significativa com a ansiedade-traço ( $p = - 0,252$ ) e com a ansiedade-total ( $p = - 0,217$ ). No que respeita à sobreproteção do pai, existem associações estatisticamente significativas com a ansiedade-traço ( $p = 0,268$ ) e com a ansiedade-total ( $p = 0,275$ ). Por seu lado, a sobreproteção da mãe apresenta associações significativas com a ansiedade-estado ( $p = 0,217$ ), com a ansiedade-traço ( $p = 0,216$ ) e com a ansiedade-total ( $p = 0,292$ ). Relativamente à rejeição do pai, observam-se correlações estatisticamente significativas com a ansiedade-estado ( $p = 0,353$ ), com a ansiedade-traço ( $p = 0,405$ ) e com a ansiedade-total ( $p = 0,449$ ). O mesmo se verifica face à rejeição da mãe, que se correlaciona positivamente com a ansiedade-estado ( $p = 0,182$ ), com a ansiedade-traço ( $p = 0,370$ ) e com a ansiedade-total ( $p = 0,326$ ).

Visto que se encontraram correlações significativas entre a maioria das dimensões do EMBU-A e a sintomatologia ansiosa em adolescentes, realizou-se uma análise de regressão linear pelo método *stepwise*, de modo a compreender o contributo que os diferentes estilos educativos parentais materno e paterno apresentam para a predição da sintomatologia ansiosa (ansiedade-total). Os dados podem ser consultados na Tabela 14.

**Tabela 14**

*Regressão linear para a predição da sintomatologia ansiosa, usando como preditores os estilos educativos do pai e da mãe e a idade dos adolescentes*

Preditores	Coefficiente não	Coefficiente	<i>R</i>	<i>R</i> <sup>2</sup>	<i>R</i> <sup>2</sup> Aj.	<i>t</i>	<i>p</i>
	estandardizado	estandardizado					
	<i>B</i>	<i>Beta</i>					
Rejeição-Pai	0,485	0,449	0,44	0,20	0,195	5,81	0,000**
Idade	3,202	0,157	0,47	0,22	0,214	2,04	0,043*

(\* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ )

Num primeiro modelo preditor, a rejeição paterna é responsável pela explicação de 20% da variância, revelando ser um bom preditor da sintomatologia ansiosa, produzindo um modelo estatisticamente significativo [ $F(1,134) = 33,79$ ,  $p = 0,000$ ]. Num segundo modelo, adicionou-se a variável idade dos adolescentes que, em conjunto com a rejeição paterna, também é um preditor da sintomatologia ansiosa, constituindo um modelo estatisticamente significativo [ $F(1,134) = 19,38$ ,  $p = 0,043$ ], responsável pela explicação de 21% da variância.

Em ambos os modelos todas as outras variáveis foram excluídas, na medida em que não se constituem como bons preditores da ansiedade nos adolescentes.

## **Discussão dos resultados e conclusão**

O presente estudo teve como objetivo principal analisar o papel que a percepção dos adolescentes sobre os estilos educativos parentais tem sobre a manifestação de sintomatologia ansiosa.

No que respeita às diferenças na sintomatologia ansiosa nos adolescentes, avaliada pelo STAIC, em função das variáveis sociodemográficas estudadas, a comparação dos grupos etários indica-nos que os adolescentes mais velhos (14-15 anos) manifestam mais ansiedade-estado, ansiedade-traço e ansiedade-total, ainda que as últimas duas diferenças não sejam estatisticamente significativa. Estes resultados estão de acordo com o referido na literatura (Borges et al., 2008). Acrescente-se que também há estudos que referem diferenças de idade devido a fatores culturais, como é exemplo o estudo de Yen, Ko, Wu, Yen, Hsu e Yan (2010). Estes autores, ao compararem jovens de Taiwan e jovens americanos, referem que os adolescentes chineses manifestam níveis mais elevados de ansiedade social, comparativamente aos americanos, e são os jovens com idades entre os 16-19 anos que manifestam mais ansiedade social, ao passo que os adolescentes mais novos, com 12-15 anos, evidenciam mais ansiedade de separação. Uma explicação avançada para este resultado remete para diferenças culturais, na medida em que a cultura chinesa é mais coletivista, valorizando mais as relações sociais entre os seus membros, enquanto a sociedade americana cultiva valores mais individualistas.

Nesta investigação não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros na manifestação de sintomatologia ansiosa, ainda que sejam as raparigas a obterem médias de ansiedade mais elevadas. O estudo de Oguztürk, Bülbül, Özen, Ekici, Örnek, Ünlu e Yüksel (2012) apoia os nossos dados, contudo, a literatura demonstra a tendência expressiva para as raparigas apresentarem uma maior predominância de perturbações de ansiedade do que os rapazes (e.g. Cunha, 2006). Pode justificar-se a ausência de valores significativos à luz da investigação de Essau et al. (2000), que mencionam que as perturbações de ansiedade têm influências culturais, o que sugere que os pais desejam que as suas filhas sejam sensíveis e femininas enquanto os rapazes são educados para serem fortes (Someya et al., 1999). Estas diferenças de género também são explicadas por Lewinsohn,

Gotlib, Allen, Lewinsohn e Seeley (1998), que relatam no seu estudo as diferenças entre rapazes e raparigas ao nível genético/biológico e das experiências sociais.

Relativamente à variável posição da fratria, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos níveis de sintomatologia ansiosa. No mesmo sentido, a investigação de La Rosa (1998) concluiu que a posição na fratria não é, por si só, um fator relevante no estudo da ansiedade; porém, demonstra efeitos relevantes quando é associada especialmente ao nível socioeconómico.

No que concerne às diferenças na manifestação de sintomatologia ansiosa, dependendo do (in)sucesso escolar dos adolescentes, verificou-se que os adolescentes que têm maior insucesso escolar, traduzido num número maior de negativas, apresentam níveis mais elevados de ansiedade. A literatura tem documentado uma associação entre estas variáveis, como é exemplo o estudo de Hughes, Lourea-Waddell e Kendall (2008), que refere que as crianças com queixas somáticas de ansiedade têm um desempenho académico mais pobre. Deste modo, que ao identificar-se este tipo de situações, pode intervir-se precocemente prevenindo o insucesso escolar. Neste contexto, Oguztürk et al. (2012) apresentam a hipótese explicativa de que as dificuldades vividas pelos adolescentes, que surgem em parte pelo seu mundo interno e ambiente social, fomentam dificuldades na vida escolar, ao afetarem o nível de autoestima e a motivação académica. Segundo os autores, estas dificuldades podem gerar ansiedade, influenciando negativamente o desempenho escolar dos mesmos.

Ao analisar a associação entre a sintomatologia ansiosa nos adolescentes e o nível de escolaridade do pai e da mãe, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na manifestação da ansiedade em função das habilitações literárias dos seus pais. Neste mesmo sentido, a literatura evidencia que o nível de escolaridade do pai não está relacionado com a ansiedade nos filhos, enquanto a perceção o nível de escolaridade da mãe aparece associado à ansiedade dos adolescentes. Porém, quando o nível de escolaridade dos pais foi analisado em simultâneo, os resultados indicaram que os filhos de pais com habilitações académicas mais elevadas não demonstram níveis significativos de sintomatologia ansiosa (Donti, Theodorakou, Kambiotis e Donti, s.d.).

O estudo das diferenças nos estilos educativos parentais em função das variáveis sociodemográficas estudadas apresentou resultados bastante interessantes, principalmente em relação às dimensões rejeição e sobreproteção parentais. Quando analisada a variância dos estilos educativos parentais (EMBU-A) em função do género, não emergiram diferenças estatisticamente significativas, ainda que os resultados denotem uma tendência no sentido dos

rapazes se sentirem mais rejeitados pelos seus pais, comparativamente com as raparigas. Todavia, este resultado difere da maioria dos estudos que evidenciam que, regra geral, os rapazes percecionam mais rejeição parental (e.g. Muris et al., 2000; Someya et al., 1999).

A literatura relata que os adolescentes mais novos sentem maior suporte emocional do pai e da mãe (Maccoby, 1980). Este resultado reflete-se no presente estudo, onde os adolescentes com 12-13 anos percecionam níveis mais elevados de suporte emocional do pai e da mãe e, em contrapartida, os adolescentes mais velhos, com 14-15 anos, sentem maior sobreproteção e rejeição parental.

No que respeita à influência da posição na fratria dos adolescentes relativamente à sua perceção sobre os estilos educativos parentais, destaca-se que os filhos únicos sentem maior suporte emocional paterno, ainda que a diferença entre grupos não seja estatisticamente significativa. Neste contexto, o estudo de Someya e colaboradores (1999) evidencia que, à medida que aumenta o número de filhos, diminui o suporte parental e aumenta a prática de ações punitivas.

O estudo da variância nos estilos educativos parentais em função do (in)sucesso escolar dos jovens salienta que, quanto maior é o insucesso escolar dos adolescentes, traduzido por um maior número de notas negativas, mais estes se sentem rejeitados por ambos os pais e sobreprotegidos pelas mães. Estes dados são congruentes com a literatura, uma vez que Feitosa et al. (2005) referem que, quanto maior a dificuldade no relacionamento entre pais e filhos, mais elevada é a tendência para os adolescentes terem um baixo rendimento académico. Por seu lado, Shumow e Miller (2001) revelam que o envolvimento dos pais na escolaridade dos filhos tem um impacto positivo nas suas notas escolares.

O nível de escolaridade do pai e da mãe são variáveis que no presente estudo revelaram influenciar a perceção dos adolescentes sobre os estilos educativos dos seus pais. Particularmente, os filhos cujo pai tem um baixo nível de escolaridade percecionam níveis mais elevados de rejeição materna, e os filhos de mães com mais baixo nível de escolaridade sentem maior sobreproteção materna e rejeição paterna. Assim, em geral, são os filhos de pais com mais baixo nível de escolaridade que percecionam níveis mais elevados de rejeição materna e paterna e maior sobreproteção materna. A bibliografia confirma estes resultados, ressaltando que os pais com baixas habilitações académicas são mais vulneráveis a situações indutoras de stresse e, por isso, tendem a avaliar de modo negativo o comportamento dos filhos, exercendo um controlo excessivo, principalmente a mãe, e aplicando estratégias punitivas (Custódio e Cruz, 2008).



Seguidamente, as relações entre os estilos educativos parentais e a sintomatologia ansiosa em adolescentes indicam que existe correlações estatisticamente significativas entre os estilos educativos do pai e da mãe e a manifestação de ansiedade (estado, traço e total), resultados que são congruentes com a literatura (e.g. Bögels e van Melick, 2004; Grüner et al., 1999; Lindhout et al., 2009; Williams et al., 2009; Wolfrad et al., 2003). A análise das correlações sugere que a rejeição paterna se relaciona de modo mais significativo com a manifestação de ansiedade nos adolescentes. Esta suposição ganha robustez com os resultados obtidos na análise de regressão conduzida, com o objetivo de identificar as variáveis preditoras da sintomatologia ansiosa. Neste sentido, a rejeição paterna revelou ser um bom preditor da sintomatologia ansiosa nos adolescentes, sendo apenas esta variável responsável pela explicação de 20% da variância. Já o modelo composto pelas variáveis rejeição do pai e idade dos adolescentes em conjunto, explica 21% da variância na manifestação de ansiedade. A literatura confirma estes resultados, ressaltando que a rejeição parental e a educação ansiosa estão envolvidas no desenvolvimento de ansiedade em crianças (Grüner et al., 1999). No entanto, a rejeição parental também pode estar associada a níveis mais elevados de preocupação infantil (Brown e Whiteside, 2008; Muris et al., 2000) e nos adolescentes potencia o risco de desenvolver depressão e agressividade (Akse et al., 2004).

Neste contexto, também importa referir que existe semelhança entre os estilos educativos do pai e da mãe, apresentando correlações significativas entre as diversas dimensões, o que é congruente com a literatura (e.g. Simões, 2011). Ainda que este estudo se tenha debruçado sobre o papel dos estilos educativos parentais na manifestação de sintomatologia ansiosa em adolescentes, a literatura tem igualmente sublinhado que a rejeição parental está mais relacionada com a ansiedade dos pais (Whaley, Pinto e Sigman, 1999), o que sugere que os pais têm maior tendência para rejeitar os seus filhos. Contudo, mesmo tendo realizado uma análise de regressão, não é possível afirmar totalmente a direção das associações encontradas, uma vez que podem existir influências bidirecionadas entre as perceções dos adolescentes acerca dos estilos educativos parentais e da manifestação de ansiedade.

A parte final desta dissertação remete para a reflexão sobre as limitações, contributos mais importantes e sugestões para futuros trabalhos, fazendo menção às principais conclusões da investigação.

Podem ser referidas como limitações o facto de a amostra ser composta apenas por adolescentes oriundos de um contexto suburbano e por terem sido sujeitos a instrumentos de



autorresposta. A fácil aplicação é evidente, contudo, o confronto com dificuldades de ordem diversa, por exemplo, o embaraço nas respostas e o possível confronto com conteúdos relacionadas com situações dolorosas e/ou até traumáticas ligadas ao seu ambiente familiar, que pode ser constrangedor.

Hoje em dia, as relações entre pais e filhos são muito estudadas pela mútua influência que exercem entre si. Na verdade, o ser humano procura incessantemente explicações para determinados problemas, assim como para a ocorrência de patologias no seio familiar. Assim, nesta pesquisa houve a preocupação de estudar a influência que os estilos educativos parentais têm ao nível da sintomatologia ansiosa dos adolescentes, considerando-se que as questões de investigação foram respondidas e certamente são um contributo relevante nas áreas em estudo, podendo ser um mote para outras investigações.

A título de sugestão, seria interessante alargar este estudo, administrando-se um instrumento para avaliar a ansiedade parental, uma vez que se trata de uma variável que não foi controlada na presente investigação e que tem sido descrita como um fator importante ao nível dos estilos educativos parentais e da ansiedade juvenil. Portanto, ao estudar a relação entre a ansiedade parental e os estilos educativos parentais, poder-se-ia entender se a ansiedade parental e a conjugação das variáveis ansiedade parental e estilos educativos parentais são preditores do desenvolvimento da sintomatologia ansiosa em crianças e adolescentes (e.g. Grüner et al., 1999; Murray, Creswell e Cooper, 2009).

Finalizando, a nível metodológico, verificou-se que a administração do STAIC decorreu de modo adequado, além do instrumento demonstrar uma boa consistência interna. Lembramos que a versão definitiva do STAIC se fundamentou num estudo que aglomerou crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos, estando os resultados em conformidade com os referidos na versão original de Spielberger et al. (1973), tal como foi indicado na descrição do respetivo instrumento (p. 13).

Ao terminar este estudo, conclui-se que a rejeição paterna é a dimensão dos estilos educativos parentais que tem um maior impacto na manifestação de ansiedade em adolescentes, sendo um bom preditor da manifestação de sintomatologia ansiosa nos jovens. Neste sentido, um estilo educativo paterno rejeitante parece desencadear níveis elevados de ansiedade-traço. Não obstante, é importante realçar o papel protetor que o suporte emocional dos pais, na forma de afeto e apoio emocional, pode ter no aparecimento e manutenção dos quadros de ansiedade dos seus filhos.

## Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Akse, J., Hale III, W. W., Engels, R. C. M. E, Raaijmakers, Q. A. W. e Meeus, W. H. J. (2004). Personality, perceived parental rejection and problem behavior in adolescence. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 39, 980-988.
- American Psychiatric Association (2000). *Manual de diagnóstico de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (4.ª ed., texto revisto). Lisboa: Climepsi Editores.
- Barber, B. K. (1994). Associations between parental psychological and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development*, 65(4), 1120-1136.
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: revisiting a neglected construct. *Child Development*, 67(6), 3296-3319.
- Baptista, A. (2000). Perturbações do medo e da ansiedade: uma perspectiva evolutiva e desenvolvimental. Em I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do Desenvolvimento – trajetórias (In)adaptativas ao longo da vida* (pp. 91-140). Coimbra: Editora Quarteto.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of school behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior*, 2(4), 321-335.
- Baumrind, D. e Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development* 38(2), 291-327.
- Blumenthal, H., Leen-Feldner, E. W., Babson, K. A., Gahr, J. L., Trainor, C. D. e Frala, J. L. (2011). Elevated social anxiety among early maturing girls. *Developmental Psychology*, 47(4), 1133-1140.
- Bögels, S. M. e Brechman-Toussaint, M. L. (2006). Family issues in child anxiety: attachment, family functioning, parental rearing and beliefs. *Clinical Psychology Review*, 26, 834-856.
- Bögels, S. M. e van Melick, M. (2004). The relationship between child-report, parent self-report, and partner report of perceived parental rearing behaviors and anxiety in children and parents. *Personality and Individual Differences*, 37(8), 1583-1596.
- Borges, A. I., Manso, D. S., Tomé, G. e Matos, M. G. (2008). Ansiedade e coping em crianças e adolescentes: diferenças relacionadas com a idade e género. *Análise Psicológica*, 4, 551-561.
- Brown, A. M. e Whiteside, S. P. (2008). Relations among perceived parental rearing behaviors, attachment style, and worry in anxious children. *Anxiety Disorders*, 22, 263-272.
- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Chorpita, B. F. e Barlow, D. H. (1998). The development of anxiety: the role of control in the early environment. *Psychological Bulletin*, 124(1), 3-21. doi: 10.1037/0033-2909.124.1.3.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Cummings, M. E., Davies, P. T. e Campbell, S. B. (2000). *Developmental psychopathology and family process: theory, research and clinical implications*. New York: Guilford Press.
- Cunha, M. (2006). Ansiedade e perturbações de ansiedade na infância e adolescência: uma revisão teórica. *Interações*, 10, 70-97.
- Custódio, S. e Cruz, O. (2008). As representações mentais das crianças acerca das figuras parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393-405.
- Darling, N. (1999). Parenting style and its correlates. Acedido em 8, dezembro, 2011, em <http://www.ericdigests.org/1999-4/parenting.htm>.
- Darling, N. e Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Donti, O., Theodorakou, K., Kambiotis, S. e Donti, A. (s.d.). Self-esteem, trait anxiety and parental educational level of children practicing non-competitive gymnastics sports. *Science of Gymnastics Journal*, 3(2), 25-37.
- Doyle, A.B. e Markiewicz, D. (2005). Parenting, marital conflict and adjustment from early- to midadolescence: mediated by adolescent attachment style? *Journal of Youth and Adolescence*, 34(2), 97-110.
- Essau, C. A., Conradt, J. e Petermann, F. (2000). Frequency, comorbidity, and psychosocial impairment of anxiety disorders in german adolescents. *Journal of Anxiety Disorders*, 14, 263-279.
- Feitosa, F. B., Matos, M. G., Del Prette, Z. A. P. e Del Prette, A. (2005). Suporte social, nível socioeconómico e o ajustamento social e escolar de adolescentes portugueses. *Temas em psicologia*, 13(2), 129-138.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer – psicologia da adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fonseca, A. (2010). Riscos e desafios na infância e na adolescência – problemas de ansiedade em crianças e adolescentes. Em A. Fonseca (Eds.), *Crianças e adolescentes: uma abordagem multidisciplinar* (pp. 501-540). Coimbra: Edições Almedina, SA.
- Fortin, M. F. (1999). *O Processo de investigação – da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- Gerlsma, C., Arrindel, W., Van Der Veen, N. e Emmelkamp, P. (1991). A parental rearing style questionnaire for use with adolescents: psychometric evaluation of the EMBU-A. *Personality and Individual Differences*, 21, 1245-1252.
- Gladstone, G. L. e Parker, G. B. (2005). The role of parenting in the development of psychopathology: an overview of research using the parental bonding instrument. In J. L. Hudson e R. M. Rapee (Eds.), *Psychopathology and the family* (1<sup>st</sup> ed.) (pp. 23-30). Netherlands: Elsevier Lda.
- Grüner, K., Muris, P. e Merckelbach, H. (1999). The relationship between anxious rearing behaviours and anxiety disorders symptomatology in normal children. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 30, 27-35.
- Hughes, A. A., Lourea-Waddell, B. e Kendall, F. C. (2008). Somatic complaints in children with anxiety disorders and their unique prediction of poorer academic performance. *Child Psychiatry and Human Development*, 39, 211-220.

- La Rosa, J. (1998). Ansiedade, sexo, nível socioeconómico e ordem de nascimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(1), 59-70.
- Lacerda, M. I. M. C. (2005). *A perceção das práticas parentais pelos adolescentes: implicações na perceção de controlo e nas estratégias de coping*. Tese de mestrado não publicada, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Lewinsohn, P., Gotlib, I., Allen, N., Lewinsohn, M. e Seeley, J. (1998). Gender differences in anxiety disorders and anxiety symptoms in adolescents. *Journal of Abnormal Psychology*, 1, 109-117.
- Lindhout, I. E., Markus, M. Th., Hoogendijk, T. H. G. e Boear, F. (2009). Temperament and parental child-rearing style: unique contributions to clinical anxiety disorders in childhood. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 18, 439-446.
- Instituto Nacional de Estatística. (2008). Adiamento da fecundidade em Portugal (1980-2008). *Revista de Estudos Demográficos*, 46, 1-3. Acedido em 10, dezembro, 2011, em [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_genero\\_estudo&menuBOUI=13707294&contexto=pge&ESTUDOSest\\_boui=95393022&ESTUDOSmodo=2&selTab=tab2&perfil=1464373&xlang=pt](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_genero_estudo&menuBOUI=13707294&contexto=pge&ESTUDOSest_boui=95393022&ESTUDOSmodo=2&selTab=tab2&perfil=1464373&xlang=pt).
- Maccoby, E. E. (1980). *Social development psychological growth and the parent-child relationship*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Maccoby, E. E. e Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In P. H. Mussen (Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Matias, M. C. S. (2004). *Aferição do state-trait anxiety inventory for children (STAIC) de Spielberger para a população portuguesa*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidad de Extremadura, Badajoz, España.
- Matias, M., Silva, A. e Fontaine, A. M. (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: efeitos de género e estatuto parental. Universidade do Porto. *Exedra*, 5, 57-76. Acedido em 20, Dezembro, 2011, em [http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero\\_articulo?codigo=3696726](http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=3696726).
- Maroco, J. (2010). *Análise estatística – com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Muris, P., Meesters, C., Merckelbach, H. e Hülsenbeck, P. (2000). Worry in children is related to perceived parental rearing and attachment. *Behaviour Research and Therapy*, 38, 487-497.
- Murray, L., Creswell, C. e Cooper, P. J. (2009). The development of anxiety disorders in childhood: an integrative review. *Psychological Medicine*, 39, 1413-1423.
- Oguztürk, O., Bülbül, H., Özen, N. E., Ekici, M., Örnek, K., Ünlu, E. e Yüksel, S. (2012). State and trait anxiety levels of adolescents in a changing society, Kirikkale City, Turkey. *Journal of Clinical Psychology in Medical Settings*, 19, 235-241.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. e Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da criança*. Lisboa: McGraw Hill.
- Pereira, A. I. F. (2007). *Crescer em relação: estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento – estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra, Portugal.

- Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Reis, F. L. (2010). *Como elaborar uma dissertação de mestrado segundo bolonha*. Lisboa: Factor – Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.
- Rosen, J. B. e Schulkin, J. (1998). From normal fear to pathological anxiety. *Psychological Review*, 105, 325-350.
- Sharma, R. K., Sagar, R., Deepak, K. K., Mehta, M. e Batalhara, Y. P. S. (2011). Clinical and autonomic functions: A study of childhood anxiety disorders. *Annals of Saudi Medicine*, 31(3), 250-257.
- Shumow, L. e Miller, J. D. (2001). Parents' at-home and at-school academic involvement with young adolescents. *The Journal of Early Adolescence*, 21(1), 68-91.
- Silverman, W. K. e Treffers, P. D. A. (2001). Anxiety and its disorders in children and adolescents before the twentieth century. In W. Silverman & P. Treffers (Eds.), *Anxiety disorders in children and adolescents: research, assessment and intervention* (pp. 1-22). Cambridge: Cambridge University Press.
- Simões, S. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Tese de doutoramento não publicada, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Portugal.
- Someya, T., Uehara, T., Kadowaki, M., Tang, S.W. e Takahashi, S. (1999). Characteristics of the perceived parenting styles in Japan using the EMBU scales. *Acta psychiatrica Scandinavica*, 100(4), 258-262.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Dornbusch, S. M. e Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63, 1266-1281.
- Yen, C., Ko, C., Wu, Y., Yen, J., Hsu, F. e Yang, P. (2010). Normative data on anxiety symptoms on the multidimensional anxiety scale for children in taiwanese children and adolescents: differences in sex, age, and residence and comparison with an American sample. *Child Psychiatry and Human Development*, 41, 614-623.
- Whaley, S. E., Pinto, A. e Sigman, M. (1999). Characterizing interactions between anxious mothers and their children. *Journal of Consulting & Clinical Psychology*, 67(6), 826-836.
- Williams, L. R., Degnan, K. A., Perez-Edgar, K. E., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D., ... Fox, N. A. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *The Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(8), 1063-1075.
- Wolfradt, U., Hempel, S. e Miles, J. N. V. (2003). Perceived parenting styles, depersonalization, anxiety and coping behavior in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34, 521-532.

## **ANEXOS**

**Anexo 1** – Pedido de autorização para a realização do estudo de investigação no Colégio São Martinho



Autorizo a  
passagem dos  
questionários  
Nuno Alexandre Fonseca

Exmo. Sr.  
Presidente do Conselho Executivo e Direção  
Do Colégio São Martinho

Vanessa Sofia de Oliveira Azevedo, licenciada em Psicologia pelo Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra, a frequentar o 2º ano do Mestrado em Psicologia Clínica com Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra, vem por este meio solicitar a V.ª Ex.ª a autorização para a recolha de informação no Colégio São Martinho para que a seguinte investigação seja realizada.

A Dissertação de Mestrado, orientada pela Professora Doutora Sónia Simões, incidirá sobre o estudo dos “*Estilos educativos parentais e sintomatologia ansiosa em adolescentes do 3º ciclo do ensino básico*”. O projeto de investigação pretende estudar os estilos educativos parentais e a instabilidade emocional, principalmente ao nível ansiógeno, dos adolescentes a frequentar o 3º Ciclo do Ensino Básico. Deste modo, será analisada a perceção que os adolescentes têm sobre a conduta educativa dos seus pais e sobre a presença de sintomatologia ansiosa.

Neste trabalho será utilizada a metodologia de investigação quantitativa, recorrendo a três instrumentos de autopreenchimento pelos alunos, nomeadamente: o *Questionário Sociodemográfico*; *State-Trait Anxiety Inventory for Children (STAIC)* de Spielberger, Edwards, Montuori e Lushene (1973) traduzido e adaptado para a população portuguesa por Conceição Matias e Emanuel Ponciano; e *A Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A)* de Gerlsma, Arrindell, Van Der Veen e Emmelkamp (1991), adaptado para a população portuguesa por Isabel Lacerda.

Os instrumentos serão aplicados aos alunos matriculados no Colégio São Martinho, cujos pais autorizem a participação do seu filho após tomarem conhecimento do consentimento informado do estudo. Prevê-se que a recolha de dados tenha a duração de dois meses (fevereiro e março de 2012), sendo organizada de modo a não interferir com as atividades letivas e não implicará qualquer custo para a Instituição.



Por fim, acrescenta-se que os dados serão tratados respeitando todos os aspetos relacionados com o código de ética da investigação, ou seja, as informações serão tratadas de forma confidencial garantindo o anonimato dos participantes.

Após a conclusão e discussão da Dissertação de Mestrado, comprometo-me a enviar à Instituição um exemplar do trabalho de investigação desenvolvido.

Pede Deferimento

Vanessa Sofia de Oliveira Azevedo  
Vanessa Sofia de Oliveira Azevedo

Coimbra, janeiro de 2012

**Anexo 2** – Consentimento informado dirigido aos pais para a participação dos filhos  
adolescentes no estudo

### Pedido de Consentimento Informado

O estudo “*Estilos educativos parentais e sintomatologia ansiosa em adolescentes do 3º ciclo do ensino básico*”, desenvolvido por Vanessa Sofia de Oliveira Azevedo, enquadrado no Mestrado em Psicologia Clínica com Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra. O estudo tem como principal objetivo analisar a relação entre estilos educativos parentais a sintomatologia ansiosa em adolescentes a frequentar o 3º ciclo do ensino básico, através do estudo da perceção que os adolescentes têm sobre a conduta educativa dos pais e sobre a presença de sintomatologia ansiosa.

Para o efeito solicito a colaboração dos alunos do Colégio São Martinho para o preenchimento de questionários sobre esta temática (Questionário Sociodemográfico; EMBU-A e STAIC). A participação dos alunos é absolutamente voluntária, tendo a opção de não participar neste estudo, ou a possibilidade de interromper a sua participação no caso de se sentir desconfortável relativamente a algum aspeto da investigação.

Por fim, saliento o facto de a participação do seu filho ser **confidencial**, sendo assegurado o **anonimato** dos participantes, e a **garantia de que os dados recolhidos serão somente utilizados para esta investigação**.

Coimbra, janeiro/fevereiro de 2012

✂ \_\_\_\_\_

### Assinatura do Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_ pai / mãe do adolescente  
\_\_\_\_\_  
 Autorizo /  Não autorizo  
que o meu filho(a) participe neste estudo intitulado “*Estilos educativos parentais e sintomatologia ansiosa em adolescentes do 3º ciclo do ensino básico*”.

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Data e assinatura)

**Anexo 3** – Protocolo de investigação (Questionário Sociodemográfico, State-Trait Anxiety Inventory for Children e A Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents)

### Questionário Sociodemográfico

De seguida ser-lhe-ão colocadas um conjunto de questões gerais sobre a sua vida. Coloque **uma cruz (X)** na quadrícula correspondente à opção escolhida para a sua resposta. Este questionário é **anónimo**, sendo que, as suas respostas são totalmente **confidenciais**.

1) Idade: \_\_\_\_\_ Anos

2) Género

Masculino       Feminino

3) Ano de Escolaridade

7º Ano       8º Ano       9º Ano

4) Quantas notas negativas tiveste no 1º período? \_\_\_\_\_

5) Com quem vives?

Pais       Mãe       Pai  
 Outros familiares / Outras pessoas       Quem? \_\_\_\_\_

6) És filho único?

Não  
 Sim

Tens irmãos?

Não  
 Sim. Mais velho(s) ou mais novo(s) do que tu? \_\_\_\_\_

7) Informações sobre o agregado familiar

Idade do Pai? \_\_\_\_\_ Anos

Idade da Mãe? \_\_\_\_\_ Anos

8) Nível de Escolaridade dos pais

	Pai	Mãe
4º Ano ao 6º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9º Ano ao 12º Ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino superior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9) Situação profissional dos pais

Pai Trabalha?

- Sim
- Reformado
- Desempregado

Mãe Trabalha?

- Sim
- Reformada
- Desempregada

**State-Trait Anxiety Inventory for Children (STAIC)***Aferição: Matias (2004)*

Apresentam-se em baixo algumas expressões que rapazes e raparigas usam para se descreverem a si próprios. Lê atentamente cada uma delas e decide se o que se afirma, **quase nunca, algumas vezes ou quase sempre** é verdade para ti. Marca um **X** na quadrícula antes da afirmação que melhor parece descrever-te. Não te esqueças que deves assinalar a afirmação que melhor descreve **como te sentes habitualmente**.

- |   |                                      |  |                                       |
|---|--------------------------------------|--|---------------------------------------|
| 1.Tenho medo de cometer erros   | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 2.Apetece-me chorar   | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 3.Sinto-me infeliz  | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 4.Não me consigo decidir  | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 5.É-me difícil enfrentar os meus problemas                            | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 6.Preocupo-me demasiado   | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 7.Não me sinto bem em casa  | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 8. Sou tímido   | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 9.Sinto-me inquieto   | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 10.Pensamentos sem importância passam pela minha cabeça e aborrecem-m | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 11.A Escola preocupa-me   | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 12.Tenho dificuldade em decidir que fazer                             | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 13.Sinto o meu coração bater depressa                                 | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 14. Sinto medos que só eu conheço                                     | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 15.Preocupo-me com os meus pais                                       | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 16.Tenho as mãos suadas   | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 17.Preocupo-me com as coisas que possam vir a acontecer               | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 18.Custa-me adormecer à noite   | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 19.Sinto um aperto no estômago  | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |
| 20.Preocupo-me com o que os outros pensam de mim                      | <input type="checkbox"/> quase nunca | <input type="checkbox"/> algumas vezes | <input type="checkbox"/> quase sempre |

Apresentam-se em baixo algumas expressões que rapazes e raparigas usam para se descreverem a si próprios. Lê atentamente cada uma delas e escolhe a que melhor descreve a forma **como te sentes agora, neste preciso momento**.

Marca um **X** na quadrícula antes da expressão que melhor descreve a forma como te sentes. Não há respostas certas ou erradas. Não gastes muito tempo em cada uma das perguntas.

- |                    |   |                                       |  |
|--------------------|---|---------------------------------------|--|
| 1. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito calmo        | <input type="checkbox"/> calmo        | <input type="checkbox"/> nada calmo        |
| 2. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito aborrecido   | <input type="checkbox"/> aborrecido   | <input type="checkbox"/> nada aborrecido   |
| 3. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito nervoso      | <input type="checkbox"/> nervoso      | <input type="checkbox"/> nada nervoso      |
| 4. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito assustado    | <input type="checkbox"/> assustado    | <input type="checkbox"/> nada assustado    |
| 5. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito satisfeito   | <input type="checkbox"/> satisfeito   | <input type="checkbox"/> nada satisfeito   |
| 6. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito apavorado    | <input type="checkbox"/> apavorado    | <input type="checkbox"/> nada apavorado    |
| 7. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito alegre       | <input type="checkbox"/> alegre       | <input type="checkbox"/> nada alegre       |
| 8. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito bem          | <input type="checkbox"/> bem          | <input type="checkbox"/> nada bem          |
| 9. Sinto-me .....  | <input type="checkbox"/> muito incomodado   | <input type="checkbox"/> incomodado   | <input type="checkbox"/> nada incomodado   |
| 10. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito à vontade    | <input type="checkbox"/> à vontade    | <input type="checkbox"/> nada à vontade    |
| 11. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito preocupado   | <input type="checkbox"/> preocupado   | <input type="checkbox"/> nada preocupado   |
| 12. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito baralhado    | <input type="checkbox"/> baralhado    | <input type="checkbox"/> nada baralhado    |
| 13. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito feliz        | <input type="checkbox"/> feliz        | <input type="checkbox"/> nada feliz        |
| 14. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito seguro       | <input type="checkbox"/> seguro       | <input type="checkbox"/> nada seguro       |
| 15. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito tranquilo    | <input type="checkbox"/> tranquilo    | <input type="checkbox"/> nada tranquilo    |
| 16. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito confuso      | <input type="checkbox"/> confuso      | <input type="checkbox"/> nada confuso      |
| 17. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito perturbado   | <input type="checkbox"/> perturbado   | <input type="checkbox"/> nada perturbado   |
| 18. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito amedrontado  | <input type="checkbox"/> amedrontado  | <input type="checkbox"/> nada amedrontado  |
| 19. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito contente     | <input type="checkbox"/> contente     | <input type="checkbox"/> nada contente     |
| 20. Sinto-me ..... | <input type="checkbox"/> muito descontraído | <input type="checkbox"/> descontraído | <input type="checkbox"/> nada descontraído |



## A Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A)

Adaptação: Lacerda (2005)

Pretende-se saber a sua opinião acerca dos comportamentos dos seus pais em relação a si. Leia cuidadosamente as perguntas e considera a resposta que melhor se aplique ao seu caso. Responda separadamente a cada questão uma cruz (X) numa das quadrículas em frente ao Pai (para avaliar o comportamento do seu pai), e outra cruz (X) numa das quadrículas em frente a Mãe (para avaliar o comportamento da sua mãe).

		Sim, a maior parte do tempo	Sim, frequentemente	Sim, ocasionalmente	Não, nunca
1. Os teus pais interferem em tudo o que fazes?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os seus pais demonstram que gostam de ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Os seus pais gostariam que fosses diferente?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Já te aconteceu os teus pais não falarem contigo durante algum tempo depois de fazeres alguma coisa errada?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Os teus pais castigam-te por coisas sem importância?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os teus pais pensam que tu tens de te esforçar para ires mais longe na vida?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Pensas que os seus pais gostariam que fosses diferente?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo quando fazes uma coisa estúpida, depois consegues fazer as pazes com os teus pais?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Os seus pais abraçam-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Achas que os seus pais gostam mais dos teus irmãos ou irmãs do que de ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Sentes que os teus pais são mais injustos contigo do que com os teus irmãos?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Os seus pais proibem-te de fazer coisas que os teus colegas estão autorizados a fazer, porque têm medo que te aconteça alguma coisa?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

13. Os teus pais humilham-te na presença de outras pessoas?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os seus pais preocupam-se com o que fazes depois das aulas?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Se a tua vida não corre bem, os seus pais tentam ajudar-te ou consolar-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os seus pais castigam-te mais do que tu mereces?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Se fizeres alguma coisa sem autorização, os teus pais reagem de tal modo que comesças a sentir-te culpado?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Os teus pais mostram interesse pelas tuas notas escolares?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentes que os teus pais te ajudam se tiveres que fazer alguma coisa difícil?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os seus pais tratam-te como a “ovelha negra” da família?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sentes que os teus pais gostam de ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os teus pais pensam que tens de ser o melhor em tudo?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Os teus pais demonstram claramente que gostam de ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Pensas que os seus pais têm a tua opinião em consideração?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Sentes que os teus pais gostam de estar contigo?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Tens a sensação de que os teus pais não têm tempo para ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Tens que dizer aos teus pais o que estives-te a fazer quando chegas a casa?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Sentes que os seus pais tentam que tenhas uma juventude feliz durante a qual possas aprender muitas coisas diferentes (por exemplo, através de livros, excursões, etc.)	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Os teus pais elogiam-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

30. Sentes-te culpado porque te comportas de um modo que os teus pais desaprovam?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Sentes que os teus pais têm expectativas muito elevadas em relação ao teu desempenho escolar, desportivo, etc.?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Se te sentes infeliz, podes contar com a ajuda e compreensão dos teus pais?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. És castigado pelos teus pais mesmo quando não fazes nada de errado?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Os teus pais dizem coisas desagradáveis a teu respeito a outras pessoas, por exemplo, que és preguiçoso ou difícil?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Quando acontece alguma coisa, os teus pais culpam-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Os seus pais aceitam-te tal como és?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Os teus pais alguma vez lidam contigo de um modo duro e pouco amigável?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Os seus pais castigam-te muito, mesmo por coisas sem importância?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Os teus pais já te deram uma bofetada sem razão?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Os teus pais interessam-se pelos teus passatempos ou por aquilo que gostas de fazer?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Os teus pais batem-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Os teus pais tratam-te de maneira a te sentires inferiorizado?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Achas que os teus pais estão sempre com medo que te aconteça alguma coisa?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Achas que tu e o seu pai/mãe gostam uns dos outros?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Os teus pais permitem que tu tenhas uma opinião diferentes da deles?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

---

46. Se fazes uma coisa bem feita, sentes que os seus pais têm orgulho em ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Os teus pais já te mandaram para a cama sem comer?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Sentes que os seus pais demonstram que gostam de ti, por exemplo, abraçando-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

---